BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

IV

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

T. IV

RIO DE JANEIRO

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

MERCADORES DE LIVROS

1843

PARNASO BRAZILEIRO

OU

SELECÇÃO DE POESIAS

DOS MELHORES POETAS BRAZILEIROS

DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

PRECEDIDA DE

UMA INTRODUCÇÃO HISTORICA E BIOGRAPHICA

SOBRE A LITTERATURA BRAZILEIRA

POR

J. M. P. da Silva

TOMO I

SECULOS XVI, XVII E XVIII

RIO DE JANEIRO
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT
RUA DA QUITANDA N. 77
1843

A QUEM LÊR.

Existe um antigo Parnaso Brazileiro, devido á penna elegante do Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa. Além da difficuldade, que hoje se encontra, de obter um exemplar, cumpre dizer que esse Parnaso não foi completo, e os oito cadernos, que se publicaram, mereceriam grande reforma.

Na intenção de fazermos um serviço ao paiz, imprimindo uma escolhida collecção dos melhores escriptos de seus poetas, procurámos pessoa, cujas luzes e reputação abonassem a obra. Achamo-la appropriada a nossos desejos, e formando cuidadosamente a selecção do que merecia as honras da publicação, escreveo uma introducção sobre a historia da litteratura Brazileira, comprehendendo as biographias de todos os mais abalisados escriptores nacionaes.

Por este modo torna-se a obra, sobre agradavel e interessante, muito util a todos os Brazileiros, que com sua leitura adquirirão gosto e instrucção, equivalendo ella a um curso de litteratura, e selecção de modelos de boa e sã poesia.

Pretendemos publicar outra parte da obra, que comprehenda o seculo, que actualmente decorre. Por ora esta só trata dos poetas Brazileiros, desde o descobrimento do paiz até o fim do passado seculo, guardando-se a epocha moderna para occasião mais appropriada. Esperamos que o publico nos faça justiça, e nos anime a continuar.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1843.

Os EDITORES.

INTRODUCÇÃO.

É novo e muito novo o paiz, cuja historia litteraria nos cumpre agora escrever. Descoberto em 1500 por Pero Alvares Cabral, conta apenas tres seculos e quasi meio de existencia. Até ali hordas de selvagens, vivendo livres no meio dos desertos, respirando contentes e alegres a atmosphera das intrincadas florestas, limitando sua ambição á posse de um arco e de algumas flexas, com que acurvassem os animaes ferozes, e matassem as desgraçadas aves, que lhes serviam de sustento, — taes eram os habitadores do Brazil, de todo esse immenso territorio, que se prende entre os dous maiores rios do mundo, banhado e defendido ao Norte pelo terrivel Amazonas, e ao Sul pelo caudaloso Prata.

Questiona-se hoje sobre a litteratura,

que poderiam possuir esses povos, e a civilisação á que teriam attingido. Sonho nos parece semelhante pleito. Compostos de muitas e diversas tribus, cada uma com usos especiaes, e differentes costumes, esta feroz, bravia, e anthropophaga, aquella mansa, socegada, e hospitaleira, umas governadas por chefes, que as dirigiam, outras entregues á Providencia, e sem ligame algum, que reunisse e concentrasse seus membros, nenhuma civilisação possuiam, nenhuma litteratura poderiam ter. Passageiros e nomades, que nasciam e viviam, cuidando sómente em pescar ou caçar para se nutrir, tendo para descanço a rede pendurada das arvores, ali aonde o ceo mais abrilhantado apparecia, ao murmurio da cascata, ao sibillar dos ventos pelas folhas dos coqueiros e palmeiras, — vida primaria do homem, lançado sobre a terra — que ideias litterarias poderiam ter semelhantes povos? Attonitos quando viram Europeos, atterrados quando ouviram o rouco som do tiro de polvora, bem provavam sua perfeita ignorancia.

E si reunidos á sombra de alguma arvore, alguns sabiam tanger seus instru-

mentos selvagens, então sem duvida que sua voz, compassando sons para accompanhar a agreste melodia d'elles, procurava um rhythmo qualquer, uma cadencia harmoniosa de palavras, que exprimissem o sentimento e a paixão; eis a que poderiamos reduzir toda a civilisação, e litteratura dos originarios habitadores do Brazil.

Os Portuguezes, que eram então o povo mais heroico e cavalheresco da Europa, começaram a colonisar o Brasil, que, descoberto por um seu compatriota, era por elles considerado sua propriedade, tanto mais quanto o reconhecimento do Pontifice Romano a havia sanccionado. Tinham porém que dividir muito sua attenção e seus cuidados. A melhor parte da Asia lhes pertencia; reinavam na Africa, e nas Ilhas do grande Oceano; suas possessões estendiam-se a perder de vista: seu estandarte tremulava nas fortalezas de Malacca, de Diù, de Tangere, Ceuta e mil outras cidades importantes do mundo; seus navios crusavam todas as costas; suas esquadras enchiam todos os mares: elles eram povo pouco numeroso, cerrado seu territorio entre o Oceano e a Hespanha, como poderiam at-

tender e favorecer muito ao Brazil? Entretanto cumpre dizer, para sermos imparciaes, que ou pela proximidade em que o Brazil ficava de Portugal, ou por que descobrissem maiores recursos, e riquezas no Paiz, desde logo o preferiram a todas as suas antigas possessões, e mais presavam a nova colonia que aquellas, de que até ali tinham tirado grandes riquezas e proveitos.

Fundaram cidades nas melhores enseadas e costas; aqui elevaram o Rio de Janeiro, acolá Bahia de Todos os Santos e Porto Seguro, ali Belém do Pará, e São Luiz Maranhão, e ao pé do Cabo de Santo Agostinho a bella Recife. Á proporção que se foram entranhando pelo interior, formaram estabelecimentos, arraiaes e povoações, que, com o andar dos tempos, prosperaram e cresceram.

O seculo decimo sexto decorreo por entre estes primeiros trabalhos de colonisação. Eram continuadas emigrações, que deixavam a mãi patria, e vinham habitar o novo paiz, do qual tantos elogios se diziam, e aonde se divulgava ser facil ganhar a vida, enthesoirar oiro e prata, gozar-se de ameno clima, clima sempre de primavera, aonde

jámais chegava o inverno com seus horrores, e a peste com suas devastações. A pobreza era grande em Portugal, e a população superior ao que podia conter e manter o territorio, por mais fertil que fosse. Em vez de irem quebrar arnezes com infieis nos campos de Tunes e Alzira, aonde arriscavam a vida, melhor lhes parecia, e na verdade mais bem acertado era, mudar de terra, e procurar um paiz novo e rico, que tão lisongeiras esperanças lhes dava, e no qual viviam debaixo das mesmas leis, obedecendo ao mesmo Soberano, e fallando a mesma lingua.

Tambem a religião, a verdadeira e profunda religião animava ainda aquelles Portuguezes: os conventos estavam cheios de frades e religiosos, que na vida solitaria e pacifica do claustro procuravam independencia e liberdade; os conventos eram numerosos em Portugal, os Reis haviam-se esmerado sempre em animar e favorecer seus estabelecimentos; ali guardava-se a sciencia, a illustração; d'ali é que sahiam os sabios, os conselheiros e confessores dos Reis, os homens de mais conhecimentos e influencia do reino. Os claustros,

movidos por sentimentos de religião; começaram a mandar para o Brazil delegados seus, religiosos missionarios, com o fim de cathequizarem os selvagens, estabelecerem escolas na nova colonia, e estenderem a sua propria influencia, ramificando-a por este modo em ambos os mundos.

Entre estes religiosos, é nosso dever declarar, que os Jesuitas foram os que mais se esmeraram. Vieram muitos como missionarios para o Brazil, espalharam-se por entre o povo; e por entre os selvagens; instruiam a uns nos mysterios da Religião Catholica Apostolica Romana, a outros aconselhavam nos transes arriscados da sua vida, a estes mitigavam suas dores, áquelles ajudavam e soccorriam, e por este modo grangeavam affeições e sympathias, de que restam ainda hoje vestigios e documentos.

Abria-se com a espada o caminho das brenhas, atravessavam-se com a lança as alcantiladas montanhas, venciam-se á força as torrentes e caudalosos rios, e ahi, aonde se plantavam as cinco chagas de Christo, um religioso, um jesuita se achava, e a victoria da persuasão, o triunfo da palavra, por elles empregada, não eram inferiores

ás victorias e triunfos alcançados manobrando o gladio, e dardejando a morte.

Uma e outra cousa eram precisas. A pericia das armas, a audacia dos invasores, a tactica dos Europeos, ganhavam terras, edificavam povoações, estabeleciam o dominio do seu Soberano; a brandura, e eloquencia dos religiosos, a sanctidade de vida que professavam, os conselhos que sabiam dar, chamavam ao gremio os selvagens, conciliavam-os com os Portuguezes, faziam-os desamparar a adoração do Sol, dos rios e das florestas, para abraçarem o Christianismo. Indigenas e Portuguezes, todos deviam favores e serviços aos Jesuitas; todos os adoravam.

Para elles os Jesuitas eram os medicos do corpo e d'alma, aquelles que lhes applicavam remedios em suas molestias, que eram alguns muito instruidos na medicina, ao menos na medicina pratica do paiz, e aquelles, que lhes serviam de pais para os conciliarem e soccorrerem, de Parochos para os ouvirem e abençoarem: o dominio dos Jesuitas era extenso, e poderosa sua influencia, porque ella fundava seu poderio no coração, sua base no agradecimento, e

seu principal nucleo na dependencia material e espiritual, em que esses povos se achavam d'elles.

E releva dizer, para gloria da Companhia de Jesus, que jámais seus missionarios no Brazil abusaram da força que tinham, para tentar contra a legitimidade de seus amos, contra a vida dos seus Monarchas, e para roubar ao coração dos homens d'elles dependentes os sentimentos de lealdade e fidelidade para com os Reis de Portugal: o começo da civilisação no Brasil, a instrucção que principiou o povo da colonia a receber, as luzes que se foram derramando, os primeiros estimulos de litteratura, tudo é devido aos cuidados dos missionarios Jesuitas.

A primeira escola de grammatica estabelecida no Brazil, foi creada, na cidade da Bahia, no anno de 1543. Aos Jesuitas se deve ella. A segunda escola que se creou, foi a de humanidades, estabelecida tambem por elles em 1554, em um collegio nos campos de Piratininga; e essas humanidades não passavam de curtos rudimentos de Theologia, e de principios de grammatica latina.

Tão generosos sacerdotes, tão zelosos padres, dignos da nossa gratidão e respeito,

verdadeiros interpretes do seu divino mestre, pobres e miseraveis, nao tinham receio de se expôr por entre os selvagens, a fim de os cathequisar e instruir; sacrificavam-se para desenvolver sua intelligencia, para melhorar sua sorte, para fazer-lhes abraçar a verdadeira religião, de que eram missionarios, e para propagar a civilisação e as luzes.

Entre elles havia um homem de grandes virtudes, e de muita instrucção; estimado e venerado como um sancto, contando-se até milagres por elle praticados, e auctor de alguns escriptos e compendios, pelos quaes se ensinavam as humanidades em Piratininga. Chamava-se Padre José de Anchietta.

O Sr. D. J. G. Magalhães, nos seus artigos litterarios ha tempos publicados em diversos jornaes, narra um facto importante d'este digno missionario, que lhe faz a maior honra, e que, segundo sua declaração, foi colhido pelo Padre Paternina, e reproduzido unicamente por Simão de Vasconcellos. O Padre Anchietta, levado não só pelo desejo de illustrar e entreter o seu rebanho, senão tambem pela vontade de acabar com

certas indecencias, que se representavam nas Igrejas nos actos sagrados, compoz um drama em verso, ou autto, com o titulo de —*Prégação-Universal*, que era applicado aos Portuguezes e Indigenas, constando de uma e de outra lingua, para que de todos fosse entendido.

» Tinha este drama — diz o Sr. Magalhães — todos os caracteres da prisca comedia, e ainda mais, os actores do drama, que não eram comicos de profissão, mas sim particulares, a que damos o titulo de amadores, fallavam em seu proprio nome, e se accusavam de seus proprios erros. »

É assim que os Padres da Companhia illustravam e moralisavam o povo, ao passo que espalhavam o gosto da metrificação, e do rhythmo melodioso do verso. Que salutares effeitos não devia produzir um semelhante acto, representado em pleno dia, a descoberto, e no adro da igreja, nas vesperas do jubileo, da festa de Jesus, a que concorria todo o povo! Como não se adoçariam os costumes e os habitos! E que progressos não fazia a Religião Catholica Apostolica Romana!

O seculo 16.° decorreo e findou, por

entre a lucta dos Portuguezes com os Selvagens, e a cathequisação d'estes pelos esforços dos religiosos missionarios, unicos a quem elles cuidadosamente attendiam, fiel e respeitosamente obedeciam. Pouco a pouco, graças a esses missionarios, foi-se rasgando o véo da escuridão, foram desapparecendo as trevas da barbaria. O Christianismo chamou a si os selvagens e os colonos, servio a uns e a outros, illustrou a uns e a outros, foi conciliando uns com os outros. Os Missionarios eram o centro, a potestade, para quem todos reccorriam; armados com o poder da palavra e da religião, sua força era immensa, e cumpria a ella curvarem-se todos.

A poesia, essa melodia d'alma e do coração, essa primeira voz do homem, que se desprende balbuciando apenas, essa linguagem mystica, que conhecem as emaranhadas florestas, os caudalosos rios, os aridos desertos, e as alcantiladas montanhas; a poesia, que é a alma do universo, e que existe entre os povos civilisados, e tambem no meio das tribus nomades, e desamparadas, a poesia foi o primeiro ramo da litteratura, que cultivaram os povos do

Brazil. Sua civilisação não se estendia a muito, como acabamos de vêr; apenas algumas escolas de grammatica existiam; apenas alguns Padres ensinavam os primeiros rudimentos das sciencias; e durante o seculo 16.°, apenas de algum Brazileiro, de algum homem, que respirasse, nascendo, a atmosphera de amor e de delicias d'este paiz novo e encantador, se contam versos e poesias, pela mór parte latinas, que constituem toda a litteratura brazileira do seculo 16.°, e que se perderam quasi todas pelas livrarias dos conventos dos religiosos, poucas e muito poucas tendo chegado até nossos dias.

E em vez de desprenderem suas vozes livres como a aragem folgasona do vento, em vez de largarem os vôos á sua imaginação inspirada, como as cadeias ao prisioneiro, em vez de com o pensamento percorrerem esse mundo novo, todo de illusões e grandezas, todo de imagens e fantasias, esse mundo, que o céo puro, como a pura virgem, abria aos olhos do filho do paiz, os poetas de então como os dos seculos 17.° e 18.°, eram meros copistas e imitadores dos vates Luzitanos, e celebravam antes os

amores cavalherescos dos galhardos Portuguezes, seus combates, e suas lidas de guerra, do que as bellezas naturaes do Brazil, com sua grandeza e magestade, com suas flechas e seus cocáres.

Entretanto essas lidas e combates de guerra, que elles decantavam, esses arnezes de ferro, esses pesados escudos, esses elmos e capacetes rijos como o bronze, e sobre os quaes battiam as espadas e as lanças, desfazendo-se em pedaços, sem os offender, essas justas e torneios, que tanto enthusiasmavam então os filhos do Brazil, não eram de sua historia nacional; eram cousas apenas d'elles conhecidas pelas tradições e contos: e esqueciam os combates pittorescos das tribus dos gentios, essas mães fugindo aos inimigos, e carregando ás costas a familia toda, essas habitações moventes, que se erguiam por toda a parte, ao clarão dos astros, ao brilhantismo da lua, ás sombras da palmeira; esses cocáres multicores, que denunciavam a destreza dos braços, e a fluidez dos arcos; essas vestes recamadas de pennas de mil passaros incognitos, que as flechas haviam derribado; essas dansas extravagantes em torno

do fogo, que os animava e inspirava; e essa coragem socegàda de homens, que vêem morrer a seu lado ao som de um estoiro, que desconhecem, os seus pais, filhos e amigos, e sem esperança de victoria, e antes com intenção firme de preferir a morte ao captiveiro, avançando para ella, e entregando-se ás espingardas dos Portuguezes! Não haveriam n'este quadro mais inspiração, e mais poesia?

E não só as obras, esses mesmos versos, de que nos fallam alguns auctores, como Diogo Barboza, e Simão de Vasconcellos, escriptos por Brazileiros, não se acham nas bibliothecas dos conventos, e completamente se perderam, senão tambem até, nem a nós chegaram, escapos do olvido, os nomes de seus auctores, que não gozaram da luz brilhante da imprensa.

O seculo 17.º é pois verdadeiramente aquelle, que abre a historia da litteratura Brazileira, que começa as paginas dos thesouros litterarios de seus filhos. Portugal mesmo havia cahido debaixo do jugo de Felippe II da Hespanha; o reino estava sem forças, no fim do seculo 16.º e principios do seculo 17.º. A desgraçada batalha de Al-

caçar — Quivir havia tudo perdido! Em quanto permaneceo esse infausto estado de cousas, padeceo tanto a Mãi Patria, como a sua colonia: felizmente que chegou o anno de 1640, e a independencia, e a liberdade foram reconquistadas!

Litteratura Brazileira do Seculo 17.°

Começou bem a Litteratura Brazileira; foi rica e opulenta, logo no primeiro seculo de sua vida, que é o 17.°, não podendo ser considerado nem entrar em linha de conta o seculo 16.°, como acabamos de vêr, por que elle não decorreo senão por entre conquistas da força, e cathequisação da palavra: alguns preludios de poesia, e sómente de poesia, verdade é, que appareceram; esses porém eram curtas scentelhas, ou meteoros extemporaneos, fructas fóra da sasão, e que apenas denunciavam a fertilidade do solo. O seculo 16.° foi o da primeira infancia; o 17.° é que começou a desenvolver a criança, e a ensina-la a conhecer as lettras, e a soletrar.

E a prova é que no seculo 17.° foi que appareceo verdadeiramente o que se appel-

lida litteratura ; e no 16.° apenas se conhe-
ceram versos e poesias, que, como gemidos
do recemnascido, se perderam entre os
beijos repetidos da mãi carinhosa. A litte-
ratura é o desenvolvimento das forças intel-
lectuaes todas de um povo : é o complexo
de suas luzes e civilisação : é a expressão
do gráu de sciencias que elle possue ; é a
reunião de tudo quanto exprimem a ima-
ginação e o raciocinio pela linguagem, e
pelos escriptos.

O seculo 17.°, o primeiro litterario d'este
povo, que ha tão pouco tempo nasceo, e que
já na quadra actual em muitas cousas é
superior á Mãi-Patria, comprehende Poetas,
Philosophos, Oradores, Historiadores, Bra-
zileiros todos de nascença, e que primaram
na terra, que não esquecera ainda as bellas
estrophes de Camões, Ferreira, e Corte-
Real, as palavras fogosas de Vieira, e as
eloquentes paginas de Barros, e Fernão
Mendes. O Brazil produzio no seculo 17.°
homens, que honraram a Portugal, e que
ali receberam as maiores provas de dis-
tincção.

Aonde vistes vós um povo, que tão cedo
começasse sua carreira litteraria, d'esses

povos novos, apenas descobertos, e um seculo logo depois produzindo notabilidades em todos os ramos de litteratura, e notabilidades que a Mãi-Patria abraçou, e chamou a si, como glorias suas? Percorrei essas paginas dos Estados Americanos do Norte, segui essa longa enfiada de historias das diversas nações, e achai-me uma, cujos filhos, logo ao principio, provassem maior aptidão para tudo quanto existe de glorioso no dominio da imaginação (*)?

A eloquencia e a philosophia, endeosadas pelo grande Antonio Vieira, que atravessava as campinas da Bahia, extasiando com sua magica palavra a todos os seus habita-

(*) Ah! Si os Brazileiros, no momento em que escrevemos estas linhas, se lembrassem do quanto Deos e a Naturéza se esmeraram para torna-los seus filhos predilectos; da grandeza a que poderiam attingir, concorrendo de alguma sorte elles proprios para sua felicidade: e esquecessem suas discordias politicas, e suas divergencias e inimizades particulares, depozessem as armas com que parricidas rasgam as entranhas do seu proprio paiz, e fratricidas roubam a vida a seus irmãos; reunindo-se em torno do THRONO DO SEU MONARCHA, DO THRONO, SEM O QUAL NÃO HA GRANDEZA NEM SALVAÇÃO PARA O PAIZ, se deixassem guiar por um unico sentimento nobre, grande, elevado, magestoso, em poucos seculos, em poucos annos, o que seria o Brasil!!

dores, a eloquencia do pulpito e a philosophia contam triumphos no seculo 17.° no Brazil. As lições de um tão grande mestre deviam de produzir saborosos fructos. Apóz essas expressões de fogo, que sahiam de seus labios, outras não menos bellas soltavam muitos Padres, já nascidos no Brazil. Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, não só foi prégador honrado na Colonia, senão tambem mereceo applausos estrondosos, e teve grande sequito em Lisboa, segundo nos affiança Diogo Barbosa na sua Bibliotheca. Angelo dos Reis, discipulo de Antonio Vieira, e nascido na Bahia em 1631; Roberto de Jesus, Pernambucano, e Bartholomeu Dias, Paulista, são nomes de prégadores celebrados, que a posteridade não poderá esquecer, e que formam grande parte da gloria litteraria do Brasil e de Portugal no seculo 17.°

A historia não foi menos bem tratada do que a eloquencia; ainda que maior seja o numero dos oradores, do que o dos historiadores e dos poetas, de que se honra o mundo, circumstancia esta que prova a difficuldade de se escrever bem a historia de um paiz, comtudo para provar a aptidão

dos Brazileiros n'esse mesmo ramo de litteratura, basta dizer, que no seculo 17.º brilharam Manoel de Moraes, nascido em S. Paulo em 1586, e auctor de uma excellente Historia da America; e João da Rocha Pitta, nascido na Bahia em 1660, nomes estes celebrisados e já muito conhecidos, principalmente o segundo, auctor da bella Historia da America, ainda hoje appreciada pelos sabios, e digna da reputação europea, de que goza.

A poesia então, esse foi o ramo em que primaram, e primarão sempre os povos dos paizes aquecidos pelo sol dos tropicos, por sua atmosphera de inspirações e de fogo. A poesia é uma fonte perenne de delicias que brota no Brazil. A natureza faz poetas aos Brazileiros, inspira-os no berço; as arvores, os passaros, as cascatas, os rios, as montanhas; esse limpido Céo, que, como manto azul claro, os acoberta, essa atmosphera pura e doce, que lhes sorri desde a infancia; esse oceano magestoso, que chora e brinca, geme e folgueia sobre suas arenosas praias, tudo lhes aquece a imaginação, lhes eleva o pensamento, lhes aviva o enthusiasmo, e lhes abre as azas

à intelligencia, essa soberba filha do Ceo, que purifica e divinisa o homem.

Na ordem dos poetas d'essa epocha, e o primeiro em antiquidade, deve-se contar Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco em 1580. Apenas d'elle sobraram algumas poesias, de que a *Phenix-Renascida*, impressa em Lisboa em 1762, publicou alguns trechos. Versos pastoris, eglogas do gosto do tempo, grande porção de sonetos, abundantes de trocadilhos, e um poema intitulado — Prosopopeia — constituem suas obras.

Salvador de Mesquita, nascido no Rio de Janeiro em 1646, auctor de um drama sagrado em latim, intitulado — *Sacrificium Jephtæ* — que existe manuscripto na Torre do Tombo em Lisboa, merece particular menção, não só pela novidade e natureza do drama, senão tambem por que na realidade contém algumas bellezas originaes, que merecem appreço particular.

Bernardo Vieira Ramasco (*), Manoel Botelho de Oliveira (**), e João Brito de

(*) Auctor de poesias soltas e sonetos.

(**) Auctor de um poema intitulado — Musica do Parnaso.

Lima (*), todos tres naturaes da Bahia, o primeiro nascido em 1638, o segundo em 1636, e o terceiro em 1671; João Mendes da Silva, nascido no Rio de Janeiro em 1648, e auctor de um poema inedito, sobre a vida, paixão, e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual se descobrio no antigo convento dos Jesuitas da Bahia; e Gonçalo Soares da França, natural do Espirito Santo, e compositor de outro poema intitulado — Brazilea, ou descoberta do Brazil — eis aqui poetas distinctos, cujos nomes, um pouco até aqui esquecidos, cumpre agora reivindicar para a gloria sua, e do paiz que os vio nascer.

De todos os poetas porém do seculo 17.° foi o mais conhecido e reputado Gregorio de Mattos, nascido na Bahia em 1623. Sua vida toda de emoções; ora protegido pelas primeiras auctoridades, ora por ellas detestado e perseguido; duas vezes exilado para Angola, por causa de suas satyras crueis, mordentes e ferinas; pobre, miseravel, cheio de vicios; tudo concorreo para d'elle fazer

---

(*) Auctor de um poema intitulado — Cesarea — sobre as empresas e feitos de Vasco Fernandes Cezar.

uma celebridade da epocha. Tinha porém muito espirito e graça; suas satyras são picantes; e nos seus versos reina uma certa licção do mundo, e de malignidade, que os torna muito agradaveis á leitura: é a causticidade e o sarcasmo elevado ao maior gráu.

Libertado Portugal do jugo hespanhol, a colonia começou de novo a ser bem tratada: entretanto ella teve guerras terriveis que sustentar, e que sustentou com heroicidade. Que o digam os Hollandezes, que accreditaram Portugal tão fraco, e o Brazil tão desprevenido, que se empossaram á força de Pernambuco, de onde á força foram expellidos. Que o digam todos esses povos Europeos que tanto invejaram a conquista da colonia, e que jámais poderam conseguir. A epocha pois não pareceria a mais propria para a litteratura, e entretanto acabamos de vêr como ella floresceo, como brilharam as lettras no Brazil, não no seio da tranquillidade, mas sim na carnagem dos combates e das guerras.

Si não fôra uma introducção a uma collecção de Poetas Brazileiros, que nos incumbimos de escrever, seriamos mais extensos, e entrariamos em muitos outros

pormenores acerca das vidas e dos merecimentos dos auctores, que mencionamos. Releva porém coadunar o nosso trabalho com o que tem de o seguir, e por isso abstemo-nos de extensão e contentamo-nos com estas simples noções, que escrevemos sobre o seculo 17.°, deixando o exame minucioso de seus thesouros litterarios, para entrar desde já no seculo que lhe succedeo.

Litteratura Brazileira do Seculo 18.°.

Foi toda brilhante essa epocha, que decorreo de 1700 a 1800. A França produzio Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Mirabeau. A Italia teve o seu Alfieri, Goldoni, Giannone, Verri, Vico e Beccaria. A Inglaterra honrou-se com Sheridan, Fox, Pitt, Chatham, Young, Pope, Robertson, Hume e Gibbon. A Allemanha vio resplandecer Lessing, Herder, Klopstock, Jacobi, Wieland, Winckelmann e Muller. Na Hespanha floresceram La Huerta, Melendez Valdez, Mariana, Iriarte e Cruzicano. E Portugal, além de ser esse o seculo do celebre Marquez de Pombal, gloriou-se com Cruz e Silva, Garção, Ericeira, Quita, Diogo

Barbosa, e Manoel Brito, nascidos no seu solo, e com Claudio Manoel, Gonzaga, Caldas, São Carlos, Durão, os dous Aseredos Coutinhos, Alexandre de Gusmão e outros escriptores abalisados originarios do Brazil.

Cumpre advertir que a influencia litteraria de todo este seculo, e de todos esses povos, foi toda franceza. A litteratura franceza era em toda a parte apreciada, em toda a parte imitada. Voltaire foi um grande monarcha, que da solidão de Ferney distribuia louros, e creava reputações. Os proprios reis o admiravam, os proprios reis mendigavam um pensamento seu, e espalhavam a sua poderosa influencia. Voltaire foi o Deos, para quem se convergiam todos os olhares, e a quem, desde a foz do Tejo até os ultimos extremos do imperio de Pedro o Grande da Russia, todos respeitavam e adoravam.

Mais ou menos pois são as litteraturas dos diversos estados da Europa do seculo 18.°, filhas, ou oriundas da litteratura franceza da mesma epocha. Frederico-Grande da Prussia, no remanso de Sans-Souci de Potsdam, ou no meio dos combates, aconselhava a seus povos o estudo da litteratura

franceza, e esses povos de Frederico eram d'aquelles, que o dedo de Deos marcara no berço para grandes destinos. O gosto francez na Allemanha toda tinha numeroso sequito.

A Litteratura Brazileira do seculo 18.°, seguindo as mesmas pizadas das litteraturas dos diversos Estados da Europa, maxime da Portugueza, nada tem de nacional, sinão o nome de seus escriptores, e o acaso de haverem no Brazil nascido. É fado que até este seculo que ora decorre, havendo o Brazil produzido tantos e tão grandes genios, a todos ou a quasi todos se possa imputar o defeito de imitarem muito os escriptores europeos, e de se não entregarem ao vôo livre de sua romanesca imaginação. Este defeito se tornou, no seculo 18.°, tão saliente, que os Srs. Garrett e Ferdinand Denis, nos seus esboços de litteratura, immediatamente o reconheceram, e fortemente o censuraram.

Entretanto o Brazil começava então a desenvolver-se, e a engrandecer-se. Aos antigos capitães succediam no governo Vice-Reis, e alguns bem abalisados estadistas, o que provava a importancia que ia adquirindo o paiz. Seu nome não só echoava na

Europa, como de um futuro Estado, que se creava para grandes destinos, senão tambem fazia um extraordinario peso em Portugal. Embora seus habitantes fallassem a mesma lingua, tivessem os mesmos habitos, adoptassem os mesmos costumes, fossem todos, por assim dizer, da mesma familia, filhos uns dos outros, entrelaçados, unidos por sangue, por parentescos, e affins, comtudo, como que o seculo 18.° preparava já a separação dos dous reinos, a qual devia ter logar no seculo immediato, e dizia-se já Brazileiro, especialisando-se o de Portuguez.

Era este um facto immenso, que não escapou a Pombal, o grande, o unico estadista portuguez, digno d'esse nome : facto que amoldava os espiritos, e preparava grandes successos futuros. Pombal, é certo, tratou sempre o Brazil como igual a Portugal. A cidade de Belém do Pará era a que lhe merecia attenção maior, e si acreditarmos as versões contemporaneas, elle para ali pretendia mudar a séde da monarchia portugueza, como centro mais appropriado para os Estados Lusitanos, e unico que podesse oppòr obstaculo á futura separação dos dous reinos.

Os homens porém cahem, e o destino vai correndo por cima de suas obras, sem que seja dado á mente humana descobrir e firmar futuros.

E como olvidavam nossos poetas e escriptores do seculo 18.° as côres e bellezas de sua patria, para decantarém côres e bellezas alheias? Como não exprimiam elles essa ideia então ainda em embryão, e que começava a comprehender o povo do Brazil, como a de sua regeneração politica, de sua futura nacionalidade?

Si por um lado porém temos queixas amargas contra Claudio, Gonzaga, Antonio José, e a maioria dos escriptores Brazileiros, que só conheciam as aguas do Tejo, do Minho e do Mondego, e as pastoras da Beira, mesclando tudo com imagens da mythologia grega, e vestimentas da Arcadia, sem que reconhecessem esse mundo novo aonde abriram os olhos á luz, aonde respiraram aura de liberdade, aonde beberam aguas dos maiores e mais ricos rios do mundo, por outro lado tambem cumpre advertir que lá lhes escapam ás vezes dos labios canticos nacionaes, como remorsos do criminoso, e são esses seus mais bellos,

seus mais sublimes canticos : é a reminiscencia do solo natal, que os persegue, e angustia, e no meio de suas ficções aerias se lhes apresenta, como fantasma, e lhes inspira um momento de desespero, mas momento bello e poderoso.

No meio do seu poema do — Caramurú — que com tanto cuidado elaborara Frey José de Santa Ritta Durão, a fim de imitar os classicos, e seguir as regras estabelecidas pelos poetas seus antecessores; temendo abraçar, e desenvolver ideias ainda não conhecidas, e que arriscavam ser ridicularisadas, sujeitando seu engenho tão brilhante a grilhões tão pesados; como lhe escapou ás vezes inspiração divina da patria, e máo grado seu, embellesou sua obra, e hoje lhe dá superior relêvo !

A Litteratura Brazileira do seculo 18.° foi sim uma copia, e imitação da portugueza, que já era uma copia e imitação da franceza; reconhece-se porém, atravéz de seu prisma, a sua nacionalidade, a sua origem nova e sagrada.

Os escriptores Brazileiros muito concorreram para o engrandecimento e gloria de Portugal, no seculo 18.°. A elles são devidas

grandes obras proveitosas á mãi-patria e á sua colonia, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

O Padre Mestre José da Conceição Velloso, nascido em Minas-Geraes em 1742, o Dr. Mello Franco, natural da mesma provincia, André Velosino Pernambucano, e outros homens celebres, illustraram muito as sciencias medicas e naturaes, e ainda seus nomes são hoje honrados em Portugal.

As sciencias sociaes e politicas tiveram brilho com a apparição de Alexandre de Gusmão, nascido em Santos, provincia de S. Paulo, em 1685. Seguio todos os postos da diplomacia portugueza, e pelo seu talento, e pela sua vasta erudição, representou Portugal na côrte de França, em Roma perante o Santo Pontifice, e no congresso de Cambraia em 1720. Foi ministro do Conselho Ultramarino; auctor de varios escriptos politicos, que lhe grangearam nomeada na Europa; compositor de diversas poesias admiradas pelos conhecedores, e de que a mór parte se perdeo no terremoto de Lisboa em 1753, aonde pereceram tambem sua mulher e dois filhos, que tinha.

Não menos celebres do que Alexandre de

Gusmão foram, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, e seu irmão o Bispo de Coimbra Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, nascidos ambos na freguezia de Marapicú, termo da villa do Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro, o primeiro em 1722, e o segundo em 1735. Foram ambos lentes da universidade de Coimbra; foram ambos gigantes em saber, em luzes, em erudição. Trabalharam ambos na celebre reforma da universidade de Coimbra, recommendada pelo Marquez de Pombal, e ahi e em outras commissões importantes deram subidas provas de seus conhecimentos em sciencias sociaes, juridicas e litterarias. De ambos restam algumas obras, que deixam ao leitor saudades de não haverem elles continuado na carreira de escriptores, em que merecidamente eram reputados.

Monsenhor José de Souza e Azevedo Pizarro, nascido no Rio de Janeiro em 1753, auctor das Memorias historicas, e o Bispo de Pernambuco, José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho, nascido em Campos, provincia do Rio de Janeiro, em 1743, com suas obras e escriptos, concorreram tambem muito para gloria e brilhantismo d'este

seculo, nas sciencias historicas, philosophicas e economicas.

A eloquencia, então, essa tocou a meta do seu apogeo, com o Padre Caldas, e Frey São Carlos, dous pregadores, dignos discipulos de S. Bazilio e Santo Athanasio, dotados de fecundissima imaginação, e de erudição a mais vasta. Poetas ambos superiores, ambos nascidos na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro em 1762, e o segundo um anno depois, em 1763, luctaram em nomeada, e se immortalisaram ambos igualmente.

Frey Francisco de São Carlos, cuja vida e analyse de obras escrevemos longamente (1), celebrisou-se não só pelos seus bellos sermões, que roubam palmas aos de Vieira e Massillon, senão tambem pelo seu lindo poema da — *Assumpção da Santissima Virgem* — aonde a inspiração divina e religiosa realça os vôos da poesia, e aonde os quadros funebres e tenebrosos rivalisam em sublimidade com os canticos melancolicos e

(1) Galeria dos Brazileiros celebres. — Vida e obras de Frey Francisco de São Carlos — Publicado na Revista Nacional e no Jornal do Commercio em 1841.

ternos, que a Musa arrancou de uma alma angelica e pura, para adornar uma das bellas obras que tem creado o humano engenho.

O Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, alma de fogo, coração de bronze, fez esquecer um pouco sua gloria de pregador com a sublimidade de suas lyricas composições. Entretanto em um ramo não era elle inferior ao outro; primava em ambos. Tal porém ha sido a reputação de suas poesias, que parece qne essa aureola lhe basta.

Primeiro lyrico brazileiro, elle preparou-se, depois de trabalhos e luctas com o mundo, á vida toda do céo; os livros o rodeiavam, a poesia o sanctificava, a religião o protegia; para elle não houve mais interesse do que esse das lettras, e pelas lettras desamparou o mundo.

Ainda não tinha apparecido Lamartine, com seus canticos de dôr, seus suspiros de enthusiasmo religioso, seu arrobo celeste; e já Caldas tangia essa corda da lyra moderna. Sua alma grande como o universo, sua imaginação vasta como o pensamento de Deos, e melancholica como o som da harpa no meio da escuridão das trevas, lhe haviam

aberto a verdadeira estrada da poesia, d'essa poesia sublime, inspirada pelo céo, e que hoje se tem appellidado *Romantismo*. Caldas é um dos maiores poetas que conhece a lingua portugueza : os proprios Portuguezes, como Garrett, no seu prefacio ao Parnaso Portuguez, e Stockler, em varios escriptos, são os primeiros a confessa-lo, e que mesmo talvez maiores incensos queimem á gloria d'esse genio tão raro, e tão grandioso (1).

Como poeta comico, Antonio José da Silva, nascido no Rio de Janeiro em 1710, e queimado pela Inquisição, em Lisboa, em 1745, prima de sobejo na litteratura portugueza. Suas comedias do *Alecrim e Mangerona*, *Encantos de Medêa*, *Artes de Esopo*, *e D. Quixote*, em nada cedem ás melhores comedias de Gil Vicente, o unicó poeta comico portuguez. É um talento novo e original, que não obedecia a regras, e sómente á inspiração, que lhe vinha desordenada, mas que era tão fertil e brilhante, que produzio obras de subido merecimento, e de apreço merecido. Suas comedias publi-

(1) Para continuação da Galeria dos Brazileiros celebres, estamos apromptando as vidas de Caldas, José Basilio, Gonzaga, e outros.

cadas com o titulo de *Operas portuguezas*, e conhecidas pelas obras do Judeu, que foi esse o crime por que morreu, correm por todas as mãos, tanto em Portugal, como no Brazil.

Como poetas d'esta epocha tambem merecem particular menção o Conego João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro, José Francisco Cardoso, da Bahia, auctor de um poema latino intitulado — Tripoli — que foi posteriormente traduzido em portuguez por Bocage; Bartholomeu Antonio Cordovil, e Domingos Vidal Barbosa, ambos do Rio de Janeiro, o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, nascido em 1758 em São João d'ElRei, provincia de Minas Geraes, e o Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro em 1748, todos dignos da reputação, de que gosaram e gosam, pelo grande merecimento de suas obras (1).

---

(1) Podia-se tambem contar como celebridade d'este seculo Antonio de Moraes e Silva, nascido no Rio de Janeiro em 1777, que ha poucos annos morreo em Pernambuco, auctor do melhor Diccionario que possuimos da lingua portugueza. Todos porém o contam do seculo 19.°, assim como tambem a José Bonifacio de

O celebre processo de 1789, em Ouro Preto, então Villa Rica, capital de Minas Geraes, do qual foi juiz um illustre poeta portuguez, o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, e réos tres grandes poetas brazileiros, o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga (1), Dr. Claudio Manoel da Costa, e Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, deixou nos Brazileiros muita amarga recordação. A perseguição, que então se fez aos mais influentes, abastados e instruidos Brazileiros, em vez de acabar com os desejos, que elles poderiam ter para a politica emancipação do seu paiz, crime, que lhes

---

Andrada e Silva, nascido em Santos em 1769, poeta celebre, e distincto escriptor, ao Conde de Funchal, e seu irmão o Conde de Linhares, ambos nascidos na provincia de Minas Geraes, na mesma epocha, e ambos estimados politicos e estadistas de renome.

(1) Temos em nossas mãos este processo, e pelos interrogatorios n'elle feitos aos réos, se conhece, segundo o proprio dito de Gonzaga, que elle nascera em Pernambuco em 1747. Em tempo competente, quando publicarmos o trabalho que temos entre mãos, acerca d'este poeta, entraremos em mais pormenores, e provaremos que são inteiramente infundadas as pretenções modernas d'aquelles, que querem fazer acreditar haver elle nascido em Lisboa, quando sempre conhecido foi como Pernambucano.

foi imputado sem rasão n'aquella epocha, concorreo, em nossa opinião, e muito, para appressar o momento da independencia e liberdade do paiz (1).

Claudio Manoel, nascido em Marianna, provincia de Minas Geraes, em 1729, assassinado na prisão, aonde foi em 1789 pagar crimes que não commettera, além de um poema, intitulado — *Villa Rica* —, é auctor de varias poesias, no gosto de Metastasio, as quaes tem merecido os maiores elogios de Garrett, e outras celebridades, que lhe marcam logar distincto na litteratura portugueza. Com effeito poesias ha de Claudio Manoel, que são verdadeiros primores.

Gonzaga, o doce, o ameno, o suave Gonzaga, em quanto os dias de vida lhe corriam felizes como o regato, que murmura; melancholico e sombrio, quando se lhe escureceo o horizonte da existencia, quando ligado a ferros, e lançado na masmorra dos criminosos, vio-se a si e a seus desgraçados amigos e companheiros, condemnados todos á morte, e depois, por uma commutação

(1) Temos tambem um longo trabalho sobre a historia d'esse acontecimento em Minas, que esperamos breve concluir e offerecer ao publico.

de pena, a desterro perpetuo para presidios de Moçambique e Ambáca, no pestilento clima da Africa, aonde, pela maior parte, com elle expiraram; Gonzaga é sem duvida um dos maiores poetas brazileiros, e cada vez mais, ao passo que deccorrem os annos, vão crescendo seu renome e sua gloria.

Deixando de parte muitos outros nomes de escriptores brazileiros, que occupam na historia da litteratura de seu paiz logar secundario, mas honroso, cumpre-nos agora fallar de Frey José de Santa Ritta Durão, nascido em Catta Preta de Minas em 1737, e de José Basilio da Gama, nascido tambem em Minas, no Rio das Mortes, em 1740.

Foram ambos muito instruidos e illustrados, e ambos poetas muito notaveis e distinctos. O bello poema do — *Caramurú* — devido a elegante penna de Durão, e traduzido em quasi todas as linguas da Europa, contém alguns episodios dignos de Camões e de Tasso. O admiravel poemetto do — *Uraguay* — composição de José Basilio, além de ser de todos o mais nacional, brilha tambem por episodios, que em nada cedem ao — Caramurú — e que mesmo, para os amadores da sensibilidade, merecem a preferencia.

Acabou o seculo 18.° com esses grandes homens, que ou morreram com elle, ou pouco tempo existiram no mundo apóz elle. Sua litteratura foi gloriosa, e gloriosa por tanto a saudade do seculo. A revolução franceza, que tudo transtornou, desde um pólo até outro, fez sentir seus effeitos áquem do Atlantico; e seculo 18.° morreo no seio de agonias. Uma éra nova devia nascer de suas cinzas, e essa éra era a nossa.

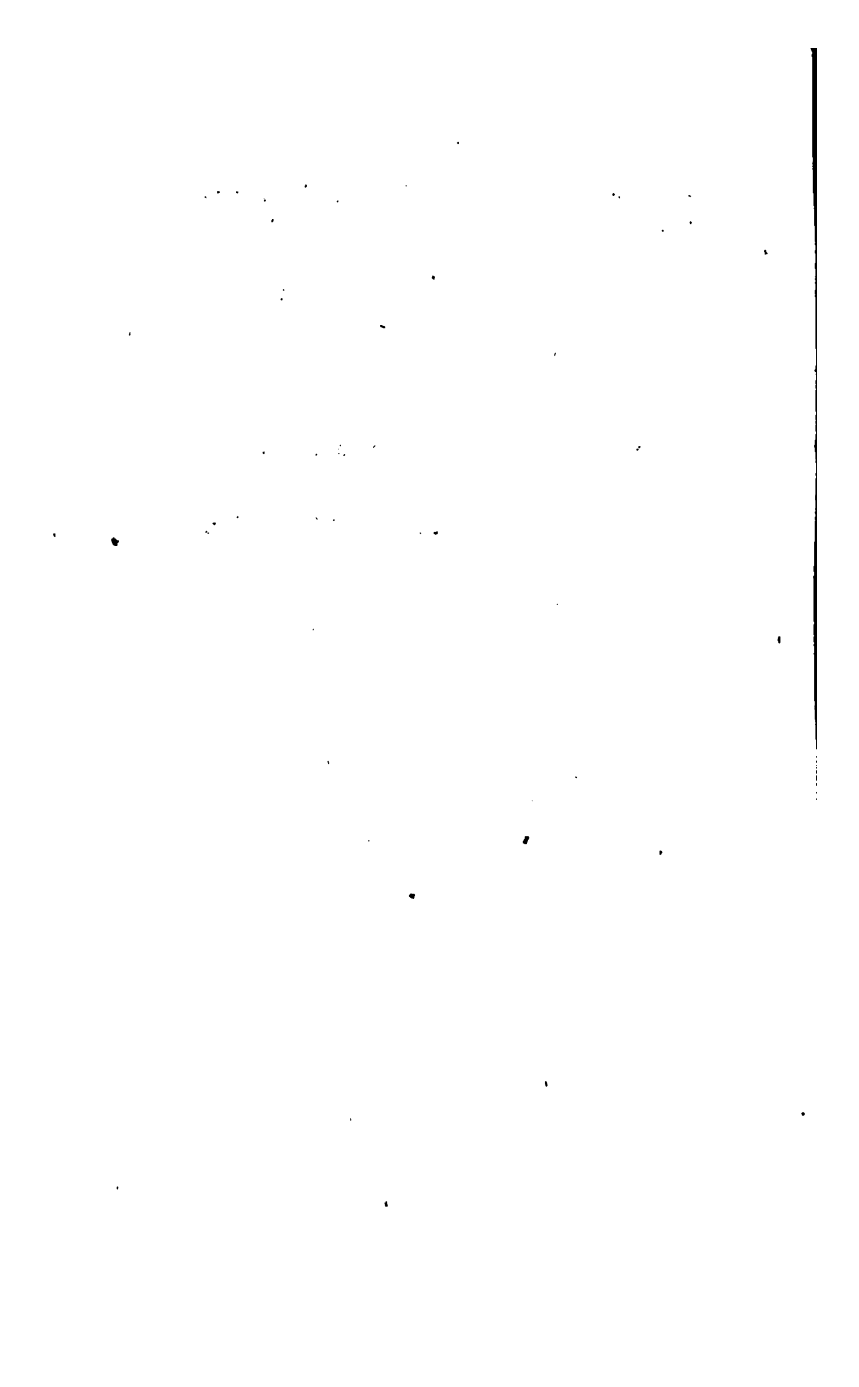
Temos concluido o esboço da historia da Litteratura Brazileira até os fins do seculo passado, esboço ligeiro, escripto á carreira, e proprio sómente de uma introducção, como aquella, de que se nos incumbio.

Sob novo aspecto rutila no horizonte o seculo 19.° para o Brazil. É a epocha da liberdade e da independencia; é a epocha das emoções e dos enthusiasmos politicos. A litteratura deve pois representar a epocha, como ella original e independente, que o jugo da mãi-patria, que nos roubava liberdade politica, e com ella a litteraria, lá se foi perdido, e para sempre desappareceo. Livre de cadeias, que prendem o genio, e

seculo com outro fulgor brilha. Tudo mudou em torno de nós, e nós marchamos com o nosso seculo.

A Litteratura Brazileira actual é digna de attenção muito minuciosa : cumpre darlhe forças, e não cortar-lhe os vôos.

Rio de Janeiro, 3 de Julho de 1842.

J. M. P. da Silva.

NOVO

PARNASO BRAZILEIRO

SECULO XVII

Gregorio de Mattos

SATYRA

Aos costumes da Bahia

D'estes, que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E entre os gabos dos amigos
Os vemos em papa-figos,
Sem tempestade, nem vento;
　　　　Anjo bento!

De quem com secretas lettras
Tudo o que alcança é por tretas,
Bacolejando sem pejo,
Por matar o seu desejo
Desde a manhã até a tarde;
　　　　Deus me guarde!

Quem passeia tão farfante,
Todo presado de amante,
Por fóra luvas, botões,
Insignias, armas, galões,
Por dentro pão bolorento;
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo na cara uns Janos,
Fazem dos vicios alarde;
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar,
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento;
Anjo bento!

D'estes avaros mofinos,
Que poem á meza pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima, e arde;
Deus me guarde!

Que pregue um douto sermão
Um alarve, um asneirão,
E que esgrima em demasia,
Quem nunca lá na Sophia
Soube pôr um argumento;
Anjo bento!

D'este sancto emmascarado,
Que falla do meu peccado,
E se tem por Santo Antonio;
Mas em luctas com o demonio
Se mostra sempre covarde;
Deus me guarde!

Que atropellando a justiça,
Já com virtude postiça,
Se premeie o delinquente,
Castigando o innocente
Por um leve pensamento;
Anjo bento!

RETRATO

Vá de retrato
Por consoantes,
Que sou Timantes
De um nariz de Tucano côr de pato.

Pelo cabello
Começa a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pello untado,
Que de molhado,
Parece que sahe sempre do mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrancelha
Se me assemelha
A uma negra vassoura esparramada.

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que falla
Longe do rosto,
Que na Sé posto
Na praça manda pôr a guarda em ala.

Tão temerario
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantureira de um armario.

Vossê perdôe
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se assôe.

Ao pé da altura
Do naso outeiro,
Tem o sendeiro
O que, bocca nasceo, e é rasgadura.

Na gargantona
Membro do gosto
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba...
Mas eu que intento
Si não sou vento,
Para poder trepar lá tanto á riba?

Sempre eu insisto
Que no horisonte
D'este alto monte,
Foi tentar o diabo a Jesu-Christo.

Havendo apostas
Si é gente ou féra,
Se assentou que era
Um caracól, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que já blasona,
Que engeitou ser canastra por ser giba.

O' pico alçado,
Quem lá subira,
Para que vira
Si é Etna abrasador, si Alpe nevado!

Dos Sanctos Passos,
Na bruta cinta,
Uma cruz pinta;
A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
Á dianteira,
Que na trazeira,
Vejo o assento açoitado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso
Não se açoita quem toma o *miserere*.

Pois que seria,
Que eu vi vergões ?
Serão chupões
Que o bruxo do muxaço lhe daria ?

Seguem-se as pernas ;
Sigam-se embora,
Porque eu por ora
Não me quero embarcar em taes cavernas.

Si bem assento
Nos meus miolos,
Que são dous rôlos
De tabacco já podre e fedorento.

Os pés são figas
Á mór grandeza,
Por cuja empreza
Tomaram tanto pé tantas catingas.

Velha coitada,
Cuja figura
Na architectura
Da popa da náo nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Bernardo Vieira Ravasco

SONETO

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão azinha
Em tão compridos annos de tormento.

As minhas torres que fundei no vento,
O vento as levou, que as sustinha :
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas sempre no melhor desapparece.

Ah triste fado ! Ah grave desventura !
Por um pequeno bem que desfallece
Aventurar um bem que sempre dura.

OITAVAS GLOZADAS AO SONETO

Esperei e esperança é morte amarga,
E só força de puro amor se atreve
Em dura auzencia a tão pesada carga,
Que no nome de amor se torna leve :
Nunca me pareceo, que de tão larga
Esperança tirasse um bem tão breve,
Pois foram as que se foram, como o vento,
Breves horas do meu contentamento.

São os gostos de amor imaginados
Mui grandes sempre, e ficam mui pequenos,
Quando por tempo vem a ser gozados,
Porque costuma o bem ser sempre menos :
Nunca me pareceo, gostos passados,
Que assim vos acabasseis, pelo menos
Que vos mudasseis em desgraça minha
Nunca me pareceo quando vos tinha.

Nunca me pareceo, glorias passadas,
Que passasseis com o bem que vou seguindo,
Com suspiros e ais, e com cansadas
Lagrimas, que dos olhos vão cahindo :
Nunca me pareceo arrebatadas
Horas, causa do mal, que estou sentindo,
No tempo, em que com ter-vos me mantinha,
Que vos visse mudadas tão azinha.

Nunca me pareceo, que tanta gloria
Se convertesse em mal, e que eu o vira;
Deram meus gostos fim, e d'esta historia
Sempre me lembro, sempre a alma suspira:
Se perdera com elles a memoria
Não me lembraram mais, não o sentira;
Mas ficou-me com ella o sentimento,
Em tão compridos annos de tormento.

Nunca me pareceo, que me custasse
Tanto alcançar-vos, e depois de ter-vos
Nunca receio, que chegasse
Com o tempo vario ,o tempo de perder-vos:
Cuidei que tanto bem nunca acabasse,
Não soube no principio conhecer-vos,
Mas já agora desfez o entendimento
As minhas torres, que fundei no vento.

Quanto fingia, a tudo assegurava,
De nada me temi, vendo-me posto
Aonde em quanto a alma se elevava
Dava final de bem, de gloria, e gosto,
Mas quanto mais a vista se empregava
Na falsa luz do sol, o vi transposto;
Que as falsas causas d'esta gloria minha
O vento as levou, que as sustinha.

Mil noites padeci de ausencia dura
Por um só dia, que amanhecendo,
Logo a sombra senti da noite escura,
Que veio antes de tempo anoitecendo:
Quão tarde chega um bem, quão pouco dura;
Á vista de meu mal vou padecendo;
E pois não vi o mal, que depois vinha,
Do mal, que me ficou, a culpa é minha.

A culpa minha é, e bem podera
Culpar do breve tempo a brevidade;
Foi breve aquelle, se outro tal viera,
Perdera do passado a saudade:
Tão saudoso do bem fiquei, que dera,
Se minha fôra, minha liberdade
Pelo tornar a ver, mas brado ao vento,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.

Mil lagrimas me custa um desengano,
De que me desengana um accidente;
Que na perda do bem se sente o dano,
Se não se perde a vida juntamente:
Não queira bem quem não quer o desengano,
Não ha mór mal, que o bem, que é apparente;
E se é mal grande o mal, que bem parece,
Amor com falsas mostras apparece.

Segui amor aonde me guiava,
Mostrou-me não sei que, que ainda desejo;
Mas se era cego, como me mostrava,
Ou como então não via o que ora vejo!
Vi, e não vi o mal, que me esperava,
Porque quem vai levado de um desejo,
Que amor accende, e já acceso apura,
Tudo possivel faz, tudo assegura.

Tudo assegura, tudo facilita,
Impossivel por propria natureza;
Com vozes mudas a razão nos grita,
Não queremos ouvir, depois nos peza:
Esperança adoramos infinita,
Não mais que por seguir a falsa empresa
Que um thesouro de bens nos offerece,
Mas sempre no melhor desapparece.

Já passaram por mim estas verdades,
Mas ainda tenho saudade d'ellas;
Não sei que força esta é ter saudades
De cousas, que não ha para que te-las?
Sahe o piloto d'entre as tempestades,
E logo torna a dar ao vento as vellas,
Deixando pelo mar, terra segura;
Ah triste fado! Ah grave desventura!

N'esta tragedia da vangloria humana
Nunca entra o bem, o mal sempre é figura;
E só com isto emfim nos desengana,
Que um voluntario mal nunca tem cura;
Quem nos leva traz si, quem nos engana
A aventurar um bem, que se aventura,
Si amor é o menor mal, a que se offerece
Por um pequeno bem, que desfallece.

Por um pequeno bem que vem aguado,
Por tão pequena luz, que logo morre,
Aventurar um bem, que aventurado
Por tantos passos tantos riscos corre:
Foi louco o pensamento, mas forçado,
Um pensamento meu, que não se corre,
Por gloria, que não tem gloria segura,
Aventurar um bem, que sempre dura!

Manoel Botelho de Oliveira.

CANÇÕES

I

Em fim fenece o dia,
Em fim chega da noite o triste espanto,
E não chega d'esta alma o doce encanto:
Em fim fica triunfante a tyrannia,
Vencido o soffrimento,
Sem alivio meu mal, eu sem alento,
A sorte sem piedade,
Alegre a emulação, triste a vontade,
O gosto fenecido,
Eu infelice em fim, Lauro esquecido.
Quem vio mais dura sorte?
Tantos males, amor, para uma morte?
Não basta contra a vida
Esta ausencia cruel, esta partida?
Não basta tanta dôr, tanto receio,
Tanto cuidado, ai triste, e tanto enleio?
Não basta estar ausente,
Para perder a vida infelizmente,
Senão tambem cruel n'este conflicto

Me negas o soccorro de um escripto ?
Porque esta dôr, que alma me penetra,
Não ache o maior bem na menor letra ?
Ah ! Bem fazes, amor, tira-me tudo,
Não haja alivio não, não haja escudo,
Que a vida me defenda.
Tudo me falte em fim, tudo me offenda,
Tudo me tire a vida,
Pois eu a não perdi na despedida.

II

N'um prado mui alegre e deleitoso,
Por entre a verde relva vai brincando,
Umas vezes correndo, outras saltando
Um puro arroio de crystal undoso;
Mas estendendo o curso successivo,
Fugitivo,
Logo deixa
Triste queixa
A herva verde
Que se perde
De grande sentimento, conhecendo
Que a buscar sua morte vai correndo.
As doces avezinhas explicando
Com vozes delicadas mil ternuras,
De ramo em ramo as fés ostentam puras,
Que aos pintados consortes vão guardando;

E dando não só um, mas muitos gyros,
Mil suspiros
Andam dando
Procurando
Com mil quebros,
E requebros,
Seus amados, a quem buscam saudosas
Para aliviar as magoas amorosas.
Entre agudos espinhos magestosa,
Entre verdes folhagens soberana,
Ostenta bizarrias toda ufana
Na matutina amenidade a rosa;
Porém tanto que chega a tarde ardente,
De repente
Se entristece,
Porque cresce
De tal sorte
A sua morte
O motivo que não sómente o ardor,
Tambem a doce aura a acaba em flôr.
A candida assucena prateada,
Suavissimas fragrancias exhalando,
Está honestamente convidando
A que de espaço seja bem lograda;
Porém pouco lhe dura de Diana
Soberana
Ser trophéo,
Quer o Ceo
Que a belleza

Com a pureza
Seja extincta, porque melhor se atalha
A desordem do alinho com a mortalha.
O palido amarantho immarcessivel,
E a rubicunda flôr, em que tornado
Foi o filho de Myrrha, idolatrado,
Da Mãi do cego Deos lince terrivel,
Ali juntos se viam, por que visse
Que a doudice
Que fizéra,
Quando á fera
Atirou,
E a errou,
Havia de durar no mundo, emquanto
Em elle fôr perpetuo o amarantho.
Mil Jacintos ali de varias côres
Metaphoras uns dos outros pareciam,
Si os zelos, em que arder estes se viam,
Explicam d'aquell'outros os amores,
Porém d'uns e d'outros sentimentos
Dos tormentos
Os desmaiam,
Mas que caiam
Sem alento;
Porque a tento
Atormentar de um zelo duro e triste
O desafogo de ais não lhe resiste.
As melifluas abelhas sussurrantes
O dourado licôr andam chupando,

Umas sahindo agora, outras entrando,
Nas flores delicadas, e fragrantes;
Mil arvores emfim ali subidas
Revestidas
De mil côres
Varias flores
Offerecem,
As quaes descem
Com porfia tão grande e tão ligeira
Que aquella, que mais tarda, é a primeira.
Toda esta variedade contemplando
Na delicia do prado verde e ameno,
Melancholico estava ali Lereno,
Quando seu venerando rosto alçando
Vio que a formosa Diana com seu gesto
O funesto
Á alegria
Reduzia,
Dando ás aves
Mais suaves,
E ás flores, que murchavam de sentidas
Alentos a umas, quando a outras vidas.
Ausentou-se o pastor triste e sisudo,
Procurando que Dione ali o não visse,
Quem no mundo notou tanta doudice!
Quem no orbe conheceu termo mais rude!
Que fugir da presença soberana,
Que humana
Ainda os feros,

Que mais feras
Tem braveza
Por grandeza!
Porém entrè os suspiros que vai dando,
E d'esta sorte se ia desculpando.
» Canção, dize a essa Deosa já humanada,
Que por nada
Me ausentei;
E a deixei
Entre flores
E verdores,
Senão, porque não quiz, que meu pezar
Puzesse a seu triunfo algum desar.

SECULO XVIII

Claudio Manoel da Costa

SONETOS

I

Breves horas, Amor, ha, que eu gozava
A gloria, que minha alma apetecia;
E sem desconfiar da aleivosia,
Teu ligeiro obzequio acreditava.

Eu só á minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gosto, e o maior bem gozava.

Fugio, faltou-me o bem; já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê-se a ruina ao desengano exposta:

Que ligeira acabou, que mal segura!
Mas que venho a estranhar, si estava posta
Minha esperança em mãos da formosura!

II

Onde estou! Este sitio desconheço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contempla-lo timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado:
Ali em valle o monte está mudado:
Quanto póde dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera;
Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, si estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

III

Apressa-se a tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa, e incerta via;
Nem este atravessando a região fria
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado,
Um se verá sobre a segura arêa,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma chêa,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz, que gyre sem norte a minha idéa.

IV

Ai! Nize amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar podessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem soffridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor, não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que é fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

V

Se sou pobre pastor, se não governo
Reinos, Nações, Provincias, Mundo e Gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o Verão, Outono, Estio, Inverno:

Nem por isso trocára o abrigo terno
D'esta choça, em que vivo, co' as enchentes
D'essa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões d'esse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar afflicto o dia, o mez, e o anno;

Seja embora prazer, que a meu ouvido
Sôa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruido.

VI

Nize! Nize! onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz; mas é mentira;
Nize cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós se es-
Mostrai, mostrai-me a sua formosura. (conde,

Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nize! Nize! onde estás? aonde, aonde?

VII

Injusto amor, se de teu jugo isento
Eu vira respirar a liberdade:
Se eu podesse da tua Divindade
Cantar um dia alegre o vencimento;

Não lográras, Amor, que o meu tormento
Victima ardesse a tanta crueldade;
Nem se cobrira o campo da vaidade
D'esses tropheos, que paga o rendimento.

Mas, se fugir não pude ao golpe activo,
Buscando por meu gosto tanto estrago,
Por que te encontro, Amor, tão vingativo?

Se um tal despojo a teus altares trago,
Siga a quem te despresa, o raio esquivo;
Alente a quem te busca, o doce affago.

VIII

Altas serras, que ao Ceo estaes servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois, que a fórma humana
Em duras penhas foram confundindo;

Já sobre o vosso cume se está rindo
O monarcha da luz, que esta alma engana;
Pois na face, que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Elle se me affigura! Ah! qual effeito
Em minha alma sente n'este instante!

Mas ai! a que delirios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro, ó penhas, o seu peito?

IX

Estes os olhos são da minha amada:
Que bellos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,
Tornão-se os campos de prazer gostosos;
Em zephiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos bellos, vinde; e em fim tra-
Do rosto do meu bem as prendas bellas, (zendo
Dai allivios ao mal, que estou gemendo.

Mas ah! delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que eu cuidei que estava vendo,
Eram (quem crera tal!) duas estrellas.

X

Aquelle, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Ceo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho
A suspender o ardor, com que se move
A infausta róda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças prove,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio é do Ceo, a mão de Jove!

XI

Este é o Rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos, e penedos;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e as vezes que baixando,
Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

XII

Não ha no mundo fé, não ha lealdade;
Tudo é, ó Fabio, torpe hypocrisia;
Fingido trato, infame aleivosia
Rodeiam sempre a candida amizade.

Veste o engano o aspecto da verdade;
Por que melhor o vicio se avalia:
Porém do tempo a misera porfia,
Duro fiscal, lhe mostra a falsidade.

Si talvez descobrir-se se procura
Esta de amor fantastica apparencia,
É como á luz do Sol a sombra escura :

Mas que muito, se mostra a experiencia,
Que da amizade a torre mais segura
Tem a baze maior na dependencia.

CANTATAS

I

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No crystal d'essa fonte. Ella te engana :
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
Volta, volta a meu peito :
Verás, tyranna, em mil pedaços feito
Gemer um coração ; verás uma alma
Anciosa suspirar ; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em uma copia viva
Verás distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.
Não te engane, ó bella Nize,

O crystal da fonte amena :
Que essa fonte é mui serena,
É mui brando esse crystal.
Si assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

II

Onde, ó Nize divina,
Onde te encontrarei, bella Pastora ?
O monte, o prado, o valle ando gyrando ;
Nize ! Nize ! suspiro. A meus clamores
O écho apenas me responde. Tudo
Informa, ó Nize, de que auzente vives ;
Que outro campo já pizas,
Outras ovelhas, outro gado reges ;
Que despresas aquella choça amada;
Junto á nossa ribeira fabricada.
Ah ! Si é certo que Nize
N'estes campos faltou !.. Mas que duvido !
Sem côr a planta, a flôr amortecida,
O ar escuro, o sol sem luzimento,
Este monte, este rio, aquelle prado,
Me diz que Nize (oh Ceos !) lhe tem faltado !
Nize ! Nize ! Meu bem ! Ah ! Si ainda aos longes
Chega o clamor de meus suspiros, sabe
Que vives na minha alma,

Na minha alma, que adora
Tão bello encanto, tão gentil Pastora.
Vou pizando esta floresta,
E os teus passos vou seguindo;
Cego Amor vai conduzindo,
Como norte, a minha fé.
Vejo a flôr no campo alegre,
Vejo a luz nos Ceos tão bella;
Nize, digo, é esta estrella;
Nize, digo, esta flôr é.
Mas ai! E que mal chego a conhecer-me
No delirio, que occupa os meus sentidos;
Como, ó Nize, imagino,
De meus olhos auzente,
Que lembrada estarás da fé constante!
Que um tempo me juraste;
N'aquelle tempo, quando
Em tua companhia
Toda a montanha, ó Nize! a cada instante,
A cada hora em fim, cada momento,
Me via (oh doce estado!)
Já conduzindo o teu rebanho ao prado,
Mais ditoso, que todos os do campo,
Quando o sol mais ardia,
As agoas a beber da fonte fria;
Ou já sendo o calor do sol mais brando,
Ao curral, onde o tinha então cercado,
Menos dos cães, do que de mim guardado!
Quantas vezes (oh Ceos!) quantas

Digo ao valle, digo ao monte:
Viste a Nize? Aquella fonte
Testemunha póde ser.
Mudo o valle, o monte mudo,
Tudo está suspenso; tudo
Me parece que responde:
— Eu não vi Nize, o teu bem. —

III

Oh quanto, Nize, oh quanto,
Quanto alentão teus olhos
Ao misero Palemo! Já tres dias
O mar anda gyrando. Em tua ausencia
Saudoso tem movido as bravas ondas.
Aos peixes tem chegado
O clamor de seus ais. Ah! Se tu viras,
Qual foi o seu lamento,
Não foras mais cruel, que o mar, que o vento.
Eu o vi (não te engano)
Sem acordo entregar o fragil barco
Ao arbitrio das ondas. Poucos passos
De uma rocha fatal já se apartava;
A morrer se apressava;
Quando eu, que no seu rumo hia seguindo,
Palemo! (lhe gritei) olha Palemo;
Desvia d'essa penha a vela o remo.
Mas fosse providencia, acaso fosse,
A outra parte a onda

O seu barco voltou. Já perguntando
Me torna o Pastor caro : eu entendia ;
Que a penha, em que Nicandro me fallava,
Era Nize sómente, que eu buscava.

Nize a rocha deshumana,
Nize o bem, que tanto adoro ;
Por quem vivo, por quem choro ;
Por quem ando a suspirar.
Ah ! Se corro a morrer n'ella,
Venha a barbara ferida ;
Que esta morte só é vida ;
Porque é Nize, quem a dá.

Mas não é isto engano ! O infausto agouro
De todo se apartou. Tornou-se em calma
O mar tempestuoso : o vento irado
Já suave respira : esta ribeira
De alegria se veste : um doce encanto
Nos álamos, nos freixos,
Que estão fazendo sombra ás verdes ondas
Communica a harmonia
Dos passaros, que cantão. Que gostosa
Manêa as brandas folhas
A aura lisongeira ! D'entre as ramas
Ah como fere o raio sobre as aguas,
Tornando prateadas
As crystallinas vêas ! Finge a sombra
Outro bosque nas ondas ; e parece ;

Que outras aves no mar em competencia
Formando estão suavissima cadencia.
E que alegre entre tanto
Esta praia se vê! Que grande copia
De redes se derrama! Em cada parte
Se senta um pescador: bailes e jogos
Se attendem na ribeira: ao doce aviso
Das visinhas aldêas
Vem o povo chegando. He grande o dia;
Grande annuncio é de gosto. Mas que muito,
Se n'este feliz dia
De Nize, e de Palemo
Se premea a virtude! Hum terno laço
Ao pescador amante
A nympha delicada
N'este dia assegura. Ah! queira o fado
Propicio queira o Ceo
A chamma fecundar d'este hymeneo.

Forme das almas bellas
Amor o seu thesoiro;
E com as settas d'oiro
Se veja triumphar.

De perolas tributo
Lhe renda a fertil onda;
O mar lhe não esconda
A rama do coral.

EGLOGAS

I

Á Lyra

Aqui d'este salgueiro
Pendente ficarás, ó lyra minha !
Tu que foste primeiro,
Em quanto a Amor convinha,
Allivio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os valles.

De todo já deixada,
Nem se quer nas imagens da memoria
Vivirás retratada ;
De tanta antiga gloria
Se consultada fores,
As delicias aponta nos horrores.

Será lingoa eloquente
A mesma face macilenta : o rosto
De meu mal inclemente,
Pela voz do desgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,
Em ti as debeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,
Que acorde respondendo
Do verso ás consonancias,
Tantas vezes ouvio as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza
De ti não se retire
A funebre aspereza,
D'aquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino.

Ludibrio sejas feio
De todos os Pastores d'este monte :
O meu infausto enleio
Teu mudo gesto conte,
De um triste, e desgraçado
Tosco instrumento, inutil, desprezado.

E se lá quando o dia
Desmaiando-se o Sol ao mar se ausenta,
Lá na tarde sombria,
Lizarda, que se ostenta
D'estes campos senhora,
Baixar acaso, dando inveja a Flora ;

Seu vestigio dourado,
Mais bello do que os goivos e açucenas,
Se inclinar seu cuidado
A este centro de penas ;
E aqui te achar pendente;
Triste lyra, deixada e descontente ;

Quando chegue curiosa,
Sem horror de te vêr, ao tronco duro
A Nympha mais formosa,
Lêa o epitaphio escuro
Que em funebre letreiro
Guardará para sempre este salgueiro.

Breves vozes a historia
Explicarão da minha desventura,
Quanto empenhe a memoria
D'essa tão impia e dura
Belleza em vão amada,
Em vão de meus extremos contrastada.

Aqui vivo (este o lema,
Que no funebre tronco fique escripto)
Para que sempre gema
O tormento infinito
De perder uma ingrata,
Que perjura, e cruel me offende e mata.

II

A vida do campo

Oh doce soledade !
Oh patria do descanço !
Da paz, e da concordia
Grosseira habitação, tosco palacio !
Quantos a meus delirios
Tu dictas desenganos,
Oraculos fazendo
Das arvores, dos troncos dos penhascos !
Não fere os meus ouvidos
O estrondo cançado,
Que levanta a lisonja !
Junto aos porticos d'ouro em regio Paço :
A macilenta inveja
Não derrama o contagio
Nas innocentes almas,
Que são de seu furor misero estrago.
Dos olhos se retira
O objecto sempre ingrato
Dos que suspirão mudos,
Em vez do premio, as sem razões do damno.
Aqui tem a virtude
Erguido o seu theatro ;
E nas rusticas scenas
Aqui mostra a pobreza os apparatos.

As mal seguras canas,
Que move o vento brando,
Da pobre rede tecem
Ao misero pastor o abrigo caro.

Colhida a tenra fruta
Vem de seu proprio ramo,
A adornar a choupana,
Em vez dos altos capiteis dourados.

Oh sitio venturoso!
Quanto te invejo, quanto!
Ditoso quem possue
O suave prazer de teu descanço!

Se tu bem alcançaras,
Pastor, um bem tão raro,
Não cessara o teu culto
De consagrar obzequios a teu fado.

Infeliz, o que envolto
No trafego humano
Da aborrecida côrte,
Só vê da confusão o rosto infausto!

Imagina do amigo
Seguir os doces laços;
E a torpe aleivosia
Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.

Se o valimento encontra,
Teme com justo espanto,
Quanto é grande a subida,
Que o despenho tambem seja mais alto.

Não ha fronte segura,
Que em fim dissimulando
Não veja os seus affectos;
Como a flôr entre os aspides ingratos.
Ah! mede, pastor bello,
O bem, que alcanças: tanto
Dar-te não póde a côrte;
Só póde a soledade d'este campo.

CANÇÕES LYRICAS

I

Palinodia

Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto:
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.

Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;

D'esse perdido emprego
Eu busco o encanto amado :
Amando o meu cuidado,
Jámais te hei de deixar,

Vê, de meu fogo ardente,
Qual é o activo imperio :
Que em todo este hemispherio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

Amei-te (eu o confesso),
E fosse noite, ou dia,
Jámais tua harmonia
Me viste abandonar.
Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A teu obzequio em calma
Eu pude serenar.

Ah! quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar!

Só tu (disse) me encantas;
Tu só, bello instrumento,
Tu és o meu alento,
Tu o meu bem serás.

Vai-te; que já não quero,
Que devas a meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.
Comtigo já mais fero
Só trato de quebrar-te:
Tambem has de ter parte
No estrago do meu mal.

Não saberás d'esta alma
Segredos, que sabias,
N'aquelles doces dias,
Que Amor soube alentar.
Se aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura
Tambem naufragarás.

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jámais essa harmonia
Espero abandonar.

Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;
Conhece, ó Lyra amada!
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

II

Adeoses

Adeos, Idolo amado,
Adeos; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te vêr já mais.
Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tu ficas ; eu me ausento ;
E n'esta despedida
Se não se acaba a vida ,
He só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Alivio é só o pranto :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

Quantas memorias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar !
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento :
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar !

Gyrando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde Amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel Pastora,
D'aquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.
Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

De Philis, de Lisarda
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Aqui colhendo flores
Mimosa a nympha cara,
Um ramo me prepara,
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se afasta;
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tudo isto na memoria
(Oh barbara crueldade !)
À força da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfalleço
De tanta dôr no excesso :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

O mais, que augmenta a magoa,
É ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços !..
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

Por onde quer, que gyres,
D'esta alma, que te adora,
Ah! lembra-te, Pastora,
Que já te soube amar.
Verás em meu tormento
Perpetuo o sentimento.
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

Lá desde o meu desterro,
Verás, que esta corrente
Te vem fazer presente
A ancia de meu mal.
Verás, que em meu retiro
Só gemo, só suspiro :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

As nymphas, que te escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem d'esta lembrança
Allivio a alma alcança :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

Ah ! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça um mal sem cura
Lograr esta ventura :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

E se por fim, Pastora,
Duvidas de minha ancia,
Se em ti não ha constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o Ceo se abrande
Aos ais de uma ancia grande:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás.... ah bello emprego!
Não temas: eu socégo:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

III

Resposta

Em vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se foges peregrino
Por me não vêr já mais.

Viste-me, falso, ingrato,
Presa a teu doce trato :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Dizias : eu me ausento.
Foi esta a despedida,
Que toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martyrio tanto
Eu me desfiz em pranto ;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Oh! quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar !
Não ha esquecimento,
Que abránde o meu tormento :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

No prado, e na montanha,
Saudosa hoje estou vendo
O engano, que tecendo
A minha idéa está.
Baixei comtigo á fônte;
Subi comtigo ao monte:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

Ao som do manso rio,
Nise, fiel Pastora,
Chorando a toda a hora
A tua ausencia está.
Afflicta n'este estado
Accuso o Ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

Nem Philis, nem Lisarda,
Que forão teus disvelos,
Me pódem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

Phileno as bellas flores
Á Nise amada, e chara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar,
Commigo Amor se agasta;
O meu Pastor se afasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Conservo na memoria
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não tem morta já.
Mas ah! que desfalleço,
Chorando em tal excesso:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Crescendo a minha magoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Por mais, que ausente gyres
De Nise, que te adora,
Não has de achar Pastora,
Que mais te saiba amar.
Vê bem, a que tormento
Me obriga o sentimento :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Aqui posta em desterro,
Ao som d'esta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu n'esse retiro
Desprezas meu suspiro :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Até de mim se escondem
As Nymphas no seu seio ;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.
E nem esta lembrança
Se quer minha alma alcança :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Conheço, que o meu pranto
Passou a ser delirio :
Pois meu cruel martyrio
Chega a extremo tal.
Mas como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura !
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Talvez outra Pastora,
Zombando da tua ancia,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.
Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande :
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar !

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jámais te hei de deixar.
E tu... ah louco emprego
De quem não tem socego !
E tu, que assim me viste,
Partisté
A respirar !

IV

Desprezo

Que busco infausta Lyra,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Allivio me não dás?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te:
Que tu tambem és parte
De meu saudoso mal.

Tu foste (eu não o nego)
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que amor soube adorar;
De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado;
Tambem te hei de deixar.

Ah! De minha ancia ardente
Perdeste o caro imperio;
Que já n'outro hemispherio
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo:
Porque outro norte sigo,
Que fino Amor me dá.

Bartholomeu Antonio Cordovil

DYTHIRAMBO

Nymphas Goyanas,
Nymphas fermosas,
De côr de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flôres
De varias côres
Hoje ennastrai.
Sim, Nymphas, applaudi tão grande dia:
E tu, doce Lyéo, Pai da alegria
Vem-me influir,
Que os annos de Tristão quero applaudir.
Olá, traze do Pheno
O suave licôr, grato, e sereno:
Traze os doirados copos crystallinos,
Venham Falernos,
Venham Sabinos,
Deita, deita, enche o copo, gró, gró, gró;
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;

Mais vinho temos
Sem confeição
Para brindar
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saúde
Pretendo de beber mais de um almude.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

Nectar suave, oh quanto me consolas?
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Magoas, tristezas,
Penas, e dôres.
Venha outro copo de Bacchо espumante
Que ferva no peito
E a mente levante.
Nos Lusos Fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante historia:
Com alheias acções não condecóra
A sua alta memoria
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seus annos
Cheios não são d'este furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola, e mata:
Mas esperem, que escuto!

Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo
Soltando aos ares vem ruidosos gritos
Os Capripedes Deoses que dirião?
Se não me engano, em sua companhia
Vem Bistanidas Thacias ululando,
Agitadas da rubida ambrosia,
Em choreas sincinnas volteando
Estas doces cantigas modulando:
Goyanos louvemos
Tristão immortal,
Bebamos, dansemos,
Ausente-se o mal.
E os doces licôres
Do bom Nictelêo
Em taças se entornem
De claro crystal.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

Pois já que Tristão
De paz nos encheo,
Gostosos bebamos
O sumo de Orêo.
Traze, traze depressa o Peramanca;
Empine-se a botelha toda inteira.

Mas que chamma ligeira
Ao modo de uma tropa
Pelas tumidas veias me galopa?
És tu, Bromio gostoso. Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das Ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo Oceano as verdes filhas.
No licôr forte o coração me náda,
Baccho, Baccho, evoé;
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me; nos ouvidos
Sinto um leve susurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Lenêo, me faz dormir?
Agora que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,

Agora é que me fazes tal mudança?

Evoé
O' Padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Venha um copo, dous copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas aras do gosto
Com férvido mósto
Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão.

Evoé
O' Padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo todo louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
D'este espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,

Que alegra a mocidade,
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O' Padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Alexandre de Gusmão.

CANÇONETA

Bem hajam os teus enganos,
Já respiro socegado,
Já o céo a um desgraçado
Compassivo se mostrou.

As cadeias, que a prendiam,
Saccudio minha alma fóra,
Eu não sonho, Nise, agora,
Não sonho que livre estou.

Acabou-se o ardor antigo,
Tenho o peito socegado;
Nem para fingir-me irado
Acha amor em mim paixão.

Se o teu nome escuto, o rosto
Não se córa n'esse instante:
Quando vejo o teu semblante,
Não me bate o coração.

Sonho, sim, mas não te vejo
Em sonhos uma só vez;
Eu desperto, e já não és
Quem logo desejo vêr.

Quando estou de ti ausente
Já por vêr-te não suspiro;
Se te encontro, não deliro
De desgosto ou de prazer.

Da tua belleza fallo,
Não me sinto enternecido;
Considero-me offendido,
E já me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto,
Ninguem me vê perturbado;
Co'o meu rival ao teu lado
Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto,
Falla-me com doce agrado;
É o teu rigor baldado,
É o teu favor em vão.

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada;
Teus olhos erram a estrada,
Que me vai ao coração.

Se me vejo alegre ou triste,
Se inquieto ou socegado,
Já não é por ti causado,
Não o devo ao teu favor.

Sem ti me agrada a campina,
Verde sélva, ou fonte pura,
A caverna, a brenha escura
Comtigo me causa horror.

Olha como sou sincero,
Ainda te julgo bella:
Mas já não te acho aquella,
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade:
N'esse teu rosto perfeito
Descubro hoje algum defeito,
Que julguei belleza então.

Quando quebrei as cadeias,
Confesso a fraqueza minha,
Julguei que nunca mais tinha
Um instante que viver.

Mas para fugir das penas
Para opprimido não vêr-se,
Para a si proprio vencer-se,
Tudo se deve soffrer.

Em o visco, em que se enlaça
O passarinho innocente,
Deixa as pennas, e contente
Vai liberto da prisão.

Mas depois que em breve espaço
Se renovam as penninhas,
Canta em roda das varinhas,
Brinca em outra occasião.

Eu sei que extincto não julgas
O voraz incendio antigo;
Porque a todo o instante o digo,
Porque o não sei callar.

Natural instincto, ó Nise,
A que falle me convida,
Porque da passada lida
Costuma qualquer fallar.

Seus perigos o soldado
Depois da batalha conta,
E para os signaes aponta
Das feridas, que apanhou.

O cativo, que nos ferros
Entre trabalhos gemia,
Mostra cheio de alegria
As cadeias, que arrastrou.

Fallo, e só por desabafo
Do meu gosto me entretenho:
Fallo, porém não me empenho
Em saber se fé me dás.

Fallo, porém não procuro
Se a minha expressão te agrada,
Ou se ficas socegada
Quando em mim fallando estás.

Eu despreso uma inconstante,
Tu um peito verdadeiro;
Eu não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar.

Sei que, Nise, achar não podes
Outro tão fiel amante;
Como tu, outra inconstante
É mui facil de encontrar.

ODE.

Move incessante as azas incansaveis
O tempo fugitivo,
Atraz não volta, e aquelle que aos amaveis
Prazeres se não dá, sem linitivos

Depois amargamente
Chora o bem, que perdeo, e o mal que sente.
Voa de flôr em flôr na Primavera
A abelha cuidadosa;
Fabrica o doce mel, a branda cera,
Da suave estação os mimos goza,
Antes que o sêcco Estio
Abraze o verde campo, e sorva o rio.
Dos feixados garneis das loiras eiras
As providas formigas
Vão levando em sollicitas fileiras
O loiro trigo, e formam com fadigas
Subterraneo celeiro,
Antes que as prive o frigido Janeiro.
Em tudo nos descobre a Natureza,
O' Marilia formosa,
Que é preciso do tempo a ligeireza
Fazel-a ao nosso gosto proveitosa,
Para o prazer nascemos,
Em prazeres o tempo aproveitemos.
Á fera, inda a mais fera, entre os rochedos
Da fragosa montanha,
E ás aves nos copados arvoredos
A paixão não lhe é de amor estranha:
Em doce companhia
Passam o tempo sem perder um dia.
As ternas pombas, em que amor pintando
Está perfeitamente,
Ora beijando-se estão, ora catando-se

Ora entregues ao seu desejo ardente
Fazem.... mas quem ignora ?
O que Amor fazer manda quem se adora.
Vê que nos ternos brincos d'estas aves
Te deo, Marilia bella,
De amoroso prazer lições suaves
A branda Humanidade : Amor é aquella
Paixão, que ella mais préza.
Quem não ama desmente a Natureza.
Tu sabes, ó Marilia, que eu te amo,
Que vives no meu peito,
Que é teu nome o nome por quem chamo,
Tu só por quem a Amor vivo sujeito ;
Vem unir-te commigo,
Faremos ao Amor um doce abrigo.
Vem, que elle aqui te espera, aqui o temos,
Aqui entre os meus braços :
Olha que o tempo foge, e não podemos
O seu curso deter ; vem, move os passos,
E aqui em prazer grato
Das pombinhas seremos o retrato.

EGLOGA

Pastora a mais fermosa e deshumana
Que fazes de matar-me alarde e gosto,
Como é possivel que a um tão lindo rosto,
Unisse o Ceo uma alma tão tyranna ?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
Tens duro o coração mais que um rochedo;
Sou tigre, sou leão, que metta medo,
Que apenas tu me vês, desappareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
Que o gado no redil deixei faminto;
O sol me fere a prumo, e não o sinto,
A ovelha está a chamar-me, e não lhe acudo.

Lá vai o tempo já que em baile e canto,
Eu era no logar o mais famoso;
Agora sempre afflicto e pesaroso,
Tudo o que sei é desfazer-me em pranto.

Ha pouco que encontrei alguns pastores,
Que vão commigo ao monte apóz o gado,
E não me conheceram de mudado,
Que tal me tem parado os teus rigores!

Até o rebanho meu, que um dia viste
Tão nedio, antes que eu enlouquecesse,
Não come já, nem medra, e se emagrece,
Por dó que tem de vêr-me andar tão triste.

Elle me guia a mim, não eu a elle,
Que vou nos meus pesares elevado:
Bem póde o lobo vir matar-me o gado
Á minha vista, sem que eu dê fé d'elle.

Não sei que nuvem trago n'este peito,
Que tudo quanto vejo me escurece;
A flôr do campo parda me parece,
E até o mesmo Sol acho imperfeito.

De alegre prado fujo, e só no escuro
Da serra me retiro entre os rochedos;
Ali pergunto ás feras, e aos penedos,
Si alguem ha mais que tu cruel e duro.

Ali ouço soar, rompendo o mato
Dos ribeirinhos as saudosas agoas,
E em competencia vão as minhas magoas
Dos olhos despedindo outro regato.

O mal, que me succede, eu o mereço,
Que ingrato desprezei quem me queria;
Agora se me vê faz zombaria,
Que bem vingada está no que eu padeço.

Então não conhecia o que amor era,
Tambem me ria do tormento alheio;
Quão cêdo (ainda mal!) o tempo veio,
Que já conheço mais do que quizera!

Não me desprezes, não, gentil pastora,
Que igual castigo Amor talvez te guarda;
Não sejas á piedade avêssa e tarda;
Tem dó de maltratar a quem te adora.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto

RETRATO

A minha Anarda
Vou retratar
Si a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seus cabellos
Ternos disvellos
Vão-se enredar.
Trazei-me, Amores,
Das Minas d'oiro
Rico thesoiro
Para os pintar.

No rosto a idade
Da primavera
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, Amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Para o pintar.

Quem ha que a testa
Não ame, e tema,
De um diadema
Digno logar ?
Trazei-me, Amores,
Da silva Idalia
Jasmins de Italia
Para a pintar.

A frente adornam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, Amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis
Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêm voar.
Trazei-me, Amores,
Do Sol os raios,
Fieis ensaios
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves
As sombras breves
Para os pintar.

Vagos desejos
Da bocca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, amores,
Coraes subidos,
Rubins polidos
Para a pintar.

Entre alvos dentes
Postos em ala,
Suave falla
Perfuma o ar.
Trazei-me, Amores,
Nas conxas claras
Perolas raras
Para os pintar.

O collo, Atlante
De taes assombros,
Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, Amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, Amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Para o pintar.

Mãos crystallinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar!
Trazei-me, amores,
As açucenas,
Das mais pequenas,
Para as pintar.

A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, Amores,
Ancias que fervem,
Só ellas servem
Para a pintar.

Pés delicados,
Ferindo a terra,
Ás almas guerra
Vem declarar.
Trazei-me, Amores,
As settas promptas,
De duras pontas,
Para os pintar.

Porte de Deosa,
Spirito nobre
E o mais que encobre
Fino aventál.
Só vós, Amores,
Que as Graças nuas
Vêdes, as suas
Podeis pintar.

ODE

Ao Marquez de Pombal

Não os Heroes, que o gume ensanguentado
Da cortadora espada
Em alto pelo mundo levantado
Trazem por estandarte

Os furores de Marte ;
Nem os que sem temor do irado Jove
Arrancam petulantes
Da mão robusta, que as espheras move,
Os raios crepitantes,
E passando a insultar os elementos
Fazem cahir dos ares
Os cedros corpulentos,
Por ir rasgar o frio seio aos mares,
Levando a toda a terra
Tinta de sangue, envolta em fumo, a guerra.
Ensanguentados rios, quantas vezes
Vistes os ferteis valles
Semeados de lanças e de arnezes ?
Quantas, ó Ceres loura,
Crescendo uns males sobre os outros males
Em vez do trigo, que as espigas doura,
Viste espigas de ferro,
Fructos plantados pelas mãos do erro,
E colhidos em montes sobre as eiras
Rotos pedaços de servís bandeiras !
Inda leio na frente ao velho Egypto
O horror, o estrago, o susto
Por mãos de Heroes tyrannamente escripto ;
Cezar, Pompeo, Antonio, Crasso, Augusto,
Nomes, que a Fama poz dos Deoses perto,
Reduziram por gloria
Provincias e cidades a deserto :
E apenas conhecemos pela historia

Que o tem roubado ás eras,
Qual fosse a habitação, que hoje é das feras.
Barbara Roma, só por nome augusta,
Desata o pranto vendo
A conquista do mundo o que te custa;
Cortão os fios dos arados tortos
Trezentos Fabios n'um só dia mortos,
Zelosa negas um honroso asylo
Ao illustre Camillo;
A Manlio, ingrata, do escarpado cume
Arrojas por ciume,
E vês a sangue frio, oh! povo vario,
Subir Marcello as proscripções de Mario.
Grande Marquez, os Satyros saltando
Por entre as verdes parras
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeando
Nas fecundas seáras;
Os incensos fumando sobre as aras,
A nascente cidade,
Mostrão a verdadeira heroicidade.
Os altos cedros, os copados pinhos,
Não a conduzir raios,
Vão romper pelo mar novos caminhos:
E em vez de sustos, mortes, e desmaios,
Damnos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.
O curvo arado rasga os campos nossos,
Sem turbar o descanço eterno aos ossos:

Fructos do teu suor, do teu trabalho
São todas as emprezas;
Unicamente á sombra de Carvalho
Descanção hoje as Quinas Portuguezas.
Que importam os exercitos armados
No campo com respeito conservados,
Se lá no gabinete a guerra fazes,
E a teu arbitrio dás o tom ás pazes?
Que, sendo por mão destra manejada,
A politica vence mais que a espada.
Que importam tribunaes e magistrados,
Asylos da innocencia,
Se podessem temer-se declarados
Patronos da insolencia?
De que servirão tantas
Tão saudaveis leis sabias e santas,
Se em vez de executadas
Forem por mãos sacrilegas frustradas?
Mas vives tu, que para o bem do mundo
Sobre tudo vigias,
Cançando o teu espirito profundo
As noites e os dias,
Ah! quantas vezes sem descanço uma hora
Vês recostar-se o Sol, erguer-se a Aurora,
Em quanto volves com cansado estudo
As leis e a guerra, e o negocio, e tudo?
Vale mais do que um reino um tal vassalo,
Graças ao grande Rei, que soube achal-o.

ODE

Á Rainha D. Maria I

Invisiveis vapores
Da baixa terra contra os Ceos erguidos,
Não offuscam do Sol os resplendores.
Os padrões erigidos
Á Fé Real nos peitos Lusitanos,
São do Primeiro Affonso conhecidos.
A nós Americanos
Toca levar pela rasão mais justa
Do throno á Fé aos derradeiros annos.
Fidelissima Augusta,
Desentranhe riquissimo thesoiro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho, e ao Doiro,
Lhe aponta um Rei em bronze eternisado,
Mostre-lhe a Filha eternisada em oiro.

Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistas côres.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á Real grandeza
A prata, o oiro, a fina pedraria,

Que esconde d'estas serras a riqueza.
Ah ! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome Augusto de Maria.
Real, Real Primeira,
Só esta voz na America se escute
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desçam nações confusas differentes
A vir beijar a mão da Soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pizarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.
A Augusta Portugueza
Conquista corações, em todos ama
O Soberano Autor da Natureza.
Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar Pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.

Ficavam incluidas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os indicos effeitos,
Poderão mais que as serras prateadas.
Mas nós de amor sugeitos
Promptos vos offertamos á eonquista
Barbaros braços e constantes peitos.

Póde a Tartaria Grega
A luz gozar da Russiana Aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, Real Senhora,
Honrar os vossos mares por dous mezes,
Vinde vêr o Brazìl, que vos adora.
Noronhas e Menezes
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Tem prendido o Leão por muitas vezes.
Fiai os Reaes Sellos
De mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dous grandes Vasconcellos?
Vinde a ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na Real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo:

Aos pês Augustos vôa,
Chora, e faze que a Mãi compadecida,
Dos saudosos filhos se condoa.
Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta; é lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a Magestade
Em quanto o mundo novo sacrifica
Á tutelar propicia Divindade:

O Principe sagrado
Do pão da pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu Imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão, que o faz vêr de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares.
E á fé mais santa e pura
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga

RONDÓS

I

Suspiros

Si algum dia, Glaura bella
Visitar estes retiros ;
Ouça os miseros suspiros,
Que infeliz entrego ao ar.

Seja este aspero rochedo
Quem repita as minhas mágoas ;
E o ruido d'éstas agoas
Quem lhe pinte o meu pezar.

Ah ! conserva, Amor, que ouviste
O meu triste suspirar.

Guarda amante, e compassiva
Flebil echo, que me escutas,
Na aspereza d'estas grutas
Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde
Que decline a calma espera,
Qual a deosa de Cythera
Quando sahe do fundo mar.

Ah! conserva, Amor, que ouviste
O meu triste suspirar.

II

A Lyra

N'este loiro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento, que respira,
Te fará soar de amor.

Feras, troncos, e rochedos
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Adeos, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste Amor.

Plantei n'alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos;
Vi nascer crueis abrolhos
Em lugar do terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
Estas flores, este prado,
Tudo, ó Ceos! vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr.

Adeos, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor.

III

A Lua

Como vens tão vagarosa,
Oh formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

Geme, ó Ceos! — mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.

Entre palidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Como vens tão vagarosa, &c.

Sente Glaura mortaes dores :
Os prazeres se occultaram,
E no seio lhe ficaram
Os amores a chorar.

Infeliz ! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pezar.

Como vens tão vagarosa, &c.

A cançada fantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.

Já me assaltam, já me ferem
Melancholicos cuidados !
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa, &c.

Oh que lugubre gemido
Sahe d'aquelle cajueiro !
É do passaro agoureiro
O sentido lamentar !

Puro amor! terrivel sorte!
Glaura bella! infausto agoiro!
Ai de mim! E o meu thesoiro,
Impia morte, has-de roubar!

Como vens tão vagarosa,
Oh formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena,
Minha pena consolar.

IV

A Roseira

Ah! Roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abriram,
E cahiram de pesar!

Quando Glaura me dizia,
Que era sua esta roseira,
De esperança lisonjeira
Me sentia consolar.

Mas a sorte que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal que não invente
Rigorosa em maltratar.

Ah! Roseira desgraçada, &c.

Da risonha primavera
Esperei os dias bellos :
Glaura... oh dôr ! os teus cabellos
Quem podéra coroar !

Já não vives, oh que magoa !
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agoa desmaiar.

Ah ! Roseira desgraçada, &c.

Parca iniqua, atroz, funesta,
Era teu o infausto agoiro ;
Já levaste o meu thesoiro,
Mais não resta que roubar.

Nem as flores permittiste...
Oh ! que barbara impiedade !
Fica só cruel saudade,
Fica o triste suspirar.

Ah ! Roseira desgraçada, &c.

De teus ramos a belleza
Era o mimo d'estes prados ;
Move agora — oh impios fados ! —
Da tristeza a lamentar !

Horrorosos são meus males ;
Tudo encontro em nevoa escura,
Vem commigo a desventura
Estes valles assombrar.

Ah ! Roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abriram,
E cahiram de pesar !

ODE

Á Mocidade Portugueza

A fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz Lusitana Mocidade.
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A areia, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançaram
Os verdes loiros, de que a frente ornaram.

Longe de seus altares
Jaz a Deosa, que horror! posta em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deos do trovão, um raio d'ira acceso
Vingue a filha do Ceo. Os mundos tremem,
O Sol desmaia, o vento e os mares gemem.

A face descorada
No manto azul co'a propria mão esconde,
Por não vêr coroada
A ignorancia, qu'insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto a cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do Ceo cahido;
Nem ha portas de bronze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do Augusto braço.

Aos cegos Africanos
Vôa a superstição buscando asylo.
Fanaticos enganos,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expõe sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar; um claro dia
Aparta a nevoa escura
Do teu templo, immortal Sabedoria;
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desusada luz offende os olhos,

Aquella mão robusta,
Dos herculeos trabalhos não cançada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos astros, adornada
Do nativo esplendor, e magestade,
Qual já te vio de Roma a bella idade.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuscita mais bella e mais formosa,
Para admirar de nova gloria chea
Os aridos desertos da Sabéa.

O' candida Verdade,
Filha da immensa luz, que o Sol conserva,
Illustra em toda a idadè
Este sagrado templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A Deosa tutelar do nosso Imperio.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse
Amor das lettras no regaço alheio,
Cortando os mares, desde as praias, onde
O oiro nasce, e o Sol o carro esconde:

Pisai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O Imperio florecente, e firme a Igreja.

Longe do féro estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto.
O sibilante Drago
Cahio sem vida aos pés do Throno Augusto;
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grande Heroe a lança inevitavel.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza:
Ide, correi, voai, que por vós chama
O Rei, a Patria, o mundo, a gloria, a fama.

CANÇÕES DIVERSAS

Dryade, tu que habitas amorosa
Da mangueira no tronco aspero e duro,
Ah ! recebe piedosa
A grinalda, que terno aqui penduro ;
Pela tarde calmosa,
Glaura saudosa e bella
Te busca, e vem com ella mil amores ;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

Folha por folha, e cheio de ternura
Beijarei esta angelica mimosa,
Beijarei esta rosa,
Que hão de adornar de Glaura a formosura.
Ah ! ventura ! ventura,
Commigo sempre esquiva !
Mostra-te compassiva a meus amores,
Beije Glaura estas flores,
E os encontrados beijos
Dêm novo, e puro ardor a meus desejos.

N'este aspero rochedo
A quem imitas, Glaura sempre dura,
Gravo o triste segredo
D'um amor extremoso e sem ventura.
Os Faunos da espessura
Com sentimento agreste

Aqui meu nome cubrão de cypreste;
Ornem o teu as Nymphas amorosas
De goivos, de jasmins, lyrios e rosas.

O' sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sésta,
Em quanto o ardor do Sol os prados cresta,
Ah! defende estes lyrios, e esta rosa.
E, se a nympha mimosa
Perguntar quem colheo as lindas flores,
O' sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores
E a timida ternura
Do Pastor namorado, e sem ventura.

O' mangueira feliz, verde e sombria,
Conserva estes de amor fieis tributos;
Assim no sêcco Agosto a nevoa fria
Não venha destruir teus novos fructos.
É este o fausto dia,
Que vio nascer de Glaura a formosura:
Chegue aos Ceos a ternura
D'este voto sincero:
E alegre eu vêr espero
Que triumphem da sorte, e de seus damnos
A belleza, o amor, a gloria, os annos.

Copada larangeira, onde os Amores
Viram passar de Agosto os dias bellos,

Então de brancas flores
Adornaste risonha os seus cabellos.
A fortuna propicia aos teus disvellos
Annuncia feliz novos favores :
Glaura torna : ah ! conserva lisonjeira,
Copada larangeira, por tributos
Na rama verde-escura os aureos fructos.

Vês, nympha, em alva escuma o pégo irado
Que as penhas bate com furor medonho ?
Inda o verás risonho, e namorado
Beijar da longa praia a ruiva arêa :
Doris e Galatéa
Verás em concha azul sobre estas agoas.
Ah ! Glaura ! ai tristes magoas !
Socega o mar quando repousa o vento ;
Mas quando terá fim o meu tormento ?

Mortal saudade, é esta a sepultura ;
Já Glaura não existe ;
Ah ! como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravam os seus olhos !
Duros espinhos, asperos abrolhos
Vejo em logar das flores :
Chorai, ternos amores,
Chorai commigo a infausta desventura :
É esta a sepultura
Meu coração á magoa não resiste :
Glaura bella (ai de mim) já não existe !

Antonio Pereira de Souza Caldas

ODES

I

Á Religião Christã

STROPHE I.

Desembainha, Mahomet, a espada,
Vem ferir-me, e provar-me
Que é santa a tua lei ensanguentada.
Mas onde está a voz nobre e sagrada
Que o Ceo, para avisar-me
De tua vinda, despedio á terra,
Que impio devastas com tyranna guerra?

ANTISTROPHE I.

Que inflammado profeta, do futuro
O véo descortinando
Fez raiar a meus olhos teu perjuro,
Cruento nome? Dize, oh homem duro?
Em que dia, soando:
A tua voz, cedeo a natureza,
Para mostrar divina a tua empreza?

EPODE I.

Não queiras, aurea lyra
Manchar as tuas cordas sonorosas,
Tu, quem só virtude afina, e inspira
Com gesto, e mãos mimosas:
Não resoes o nome, e a fama indina
Do monarcha impostor da vil Medina.

STROPHE II.

Vem a meus braços, livro venerando,
Que ao berço inda recente
Do universo me guias, retratando
A creadora voz, a cujo mando
O sol resplandescente,
A terra, e o mar, e os ceos surgem do nada,
E do homem brilha a face sublimada.

ANTISTROPHE II.

Encerras, por ventura, o que mendiga
Minha alma sequiosa,
E o que espera da mão fiel e amiga
Do ser immenso, que a fraqueza antiga
Do homem affrontosa
Conhecendo, lhe aponta o logar onde
A paz habita, e o grande Deos se esconde?

EPODO II.

A meiga ingenuidade
Sustinha a penna do escriptor sublime,
Que os teus altos conceitos teoe e exprime:
Encanecida idade
As tuas folhas orna, e te levanta
Sobre tudo que Roma e Grecia canta.

STROPHE III.

Justa, dizes, creou-se a mente humana;
O' historia sublime!
O' dia venturoso! ó luz sob'rana
Que alumiava a natureza ufana!
Que horrendo estranho crime
Te fez ennevoar, e a noite escura
As trevas espalhou com boca impura?

ANTISTROPHE III.

Ao lume da rasão imperioso
Das paixões a ousadia
O collo sotopunha tortuoso;
E a terra ao aceno glorioso
Do homem se rendia,
Que de seu Deos a imagem retratava,
E de terna innocencia se adornava.

EPODO III.

Em delicias banhado
Não temia; que a dôr austera alçasse
O encolhido braço, e o detestado
Ferreo punhal cravasse
No seu varonil peito, inda assás forte
Para vencer o mesmo horror da morte.

STROPHE IV.

Sim, eu te reconheço, ó ineffavel!
O' Ser omnipotente!
Só a bondade, só virtude amavel
De teu póde sahir seio adoravel:
Mas como ousa insolente
O primeiro mortal, com impio peito
Quebrantar, justo Deos, o teu preceito?

ANTISTROPHE IV.

A morte a curva foice logo afia:
O Averno emtorno sôa:
E o universo, com fatal porfia
Intenta castigar tanta ousadia.
Corrupto sangue côa
Desde então, pelas vêas alteradas
De pobre, antigo tronco derivadas.

EPODO IV.

Que nova luz me aclara !
Attenta, oh Manes, eis o ser que luta
Co'o grande Ser, e cuja mão avara
Mancha feroz e enluta
As suas obras ; foi o vil peccado
Que do homem abateo o nobre estado.

STROPHE V.

O' Socrates ! ó Grecia ! ouve, e modera
Teu animo ancioso ;
Retumba emfim a voz doce, e sincera
Da candida verdade, que severa
Seu rosto melindroso
Escondeo tantas vezes ao valente
Altivo exforço de teu genio ardente.

ANTISTROPHE V.

Tu és, Revelação santa, e divina ,
Antiga como o mundo :
E qual risonha aurora matutina.
Tal me desperta a tua luz benina
Do somno meu profundo :
Assim, oh summo Bem ! tua bondade
Comunicas piedoso em toda a idade.

EPODO V.

Um messageiro augusto
Me promette o Immortal, quando annuncia
A morte ao homem, e o gelado susto.
O sangue entorpecia
Do misero culpado, que a belleza
Perdera da innocente natureza.

STROPHE VI.

Com juramento eterno solemnisa
A piedosa promessa
O Deos d'Abram : Jacob o prophetisa
De varões alta serie se devisa,
Que de pintar não cessa
Um Redemptor, um Deos dos Ceos baixado,
Para valer ao homem desgraçado.

ANTISTROPHE VI.

O' Judá ! Israel em vão se empenha
Com mão feroz, e ousada
Por arrancar-te o sceptro, até que venha
O guia, que as nações mova e contenha.
Estrella sublimada
De ti ha de nascer, que a escuridade
Fulmine com os raios da verdade.

EPODO VI.

Bethlem mal conhecída
Entre as cidades de Israel, a frente
Levanta altiva : patria esclarecida
Será do Deos potente
Que á idolatria o denegrido collo
Cortará, desde um té outro polo.

STROPHE VII.

Teu ferreo coração será mudado,
O' povo criminoso
Será de graça, e de valor cercado :
Attende, ó Daniel : já debruçado,
O tempo pressuroso,
A semana da grande vinda aponta
Em que do mundo a salvação desponta.

ANTISTROPHE VII.

Jerusalem levanta-te, e o teu rosto
Circunda de alegria :
Inunda o peito teu de terno gosto ;
Ergue os olhos, Sião, a ti exposto
Está o que annuncia
Teu Redemptor, a voz, que vem bradando,
Os seus santos caminhos preparando.

EPODO VII.

Fecundo, altivo monte
Sobre o cume dos montes vai alçár-se;
D'elle mana sonora clara fonte,
Onde desafrontar-se
Virá da sede ardente quanto habita
Sobre a terra de males mil afflicta.

STROPHE VIII.

Eis apparece o Deos da fortalesa
Quem poderá expôr-te,
O' Israel, da sua natureza
A geração sublime, a grande alteza?
Seu braço nobre, e forte
Emparelha co'a mesma eternidade,
Com ella mede a sua immensa idade.

ANTISTROPHE VIII.

Inclinai-vos nações, e reverentes,
Adorai o seu nome:
Os seus olhos affaveis e clementes
Illustram do universo as varias gentes:
E já fogo consomme
Os mudos deoses, que ellas adoraram,
E com roubado incenso perfumaram.

EPODO VIII.

Soberbos dons votados
Com respeito Sabá, Tharsis lhe off'rece;
E quaes de mel os favos delicados
Taes sua lingua tece
Discursos de justiça e de bondade,
Que em parabolas, prestam a verdade.

STROPHE IX.

Chora, ó Rachel, o sangue derramado
Dos filhos teus mimosos
Pelas mãos de um tyranno abominado:
Ao Egypto corre entanto o desejado
Dos povos mal ditosos;
Do Egypto chamarei meu filho amavel
Diz de Oséas o Deos santo, ineffavel.

ANTISTROPHE IX.

O teu rei, ó Sião! não vem de guerra
E furia revestido
Como conquistador, que tudo aterra,
E bravo a espavorida paz desterra:
De doçura cingido
Sobre pobre jumento as ruas pisa,
E á terra com os Ceos paz prophetisa.

EPODO IX.

Quem é este formoso
Que vem do Edom com rubro vestimento?
O' Ceos! ó terra! ó dia lacrimoso!
A dôr o seu assento
No ungido do Senhor fixou, e o peito
Lhe rasga com ferino duro aspeito.

STROPHE X.

Semblante já não tem, e ser parece
Um homem de amargura:
Como ovelha pacifica emmudece;
E abatido entre penas desfalece;
A alhêa desventura
Em si tomou movido de piedade,
E expia assim a nossa iniquidade.

ANTISTROPHE X.

Um traidor infeliz, que se assentava
Á sua mesa santa,
E o punhal da avareza em si cravava,
Por um preço funesto o atraiçoava.
A horrida garganta
Abra o Averno emfim para tragar-te
O' traidor! e entre chammas abrazar-te.

EPODO X.

Com fel impios algozes
Accendem do Cordeiro a ardente sede :
Com riso horrivel, barbaros, ferozes,
Que alta vingança pede,
O encaram, as vestes sorteando,
E os pés com ferro agudo traspassando.

STROPHE XI.

Esconde-te ó infame prostituta!
Jerusalem cruenta
O som da tua voz sombrio enluta
Os sagrados altares, nem te escuta
Com face meiga attenta
O nume soberano, que do Egypto
Salvou o povo teu cansado, e afflicto.

ANTISTROPHE XI.

Vagarás como esposa abandonada
Sem templo, sem altares :
Debalde invocarás a mão sagrada
Do Deos d'Abram e Isaac, que outra morada
Em apartados mares
Em terras alongadas escolhendo
Te solta junto ao teu destino horrendo.

EPODO XI.

Assim per mil maneiras
De inflammados prophetas me annuncia
Canora turba o venturoso dia
Que a mil nações inteiras
Havia fazer vêr o desejado,
Por differentes modos figurado.

II

A Existencia de Deos

STROPHE I.

A luz se faça; e subito creada
A luz resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada;
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O chaos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia
A terra e o mar, e os Ceos, e a noite, e o dia.

ANTISTROPHE I.

Mas tu quem és, ó chaos tenebroso?
De quem o ser houveste?
De algum Deos per ventura poderoso
A cujo aceno tú tambem cedeste?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo, e a tua idade
Tem por termo e principio a Eternidade?

EPODO I.

Resôa altiva lyra
De novo, entre os meus dedos vencedores
Dos soberbos altisonos cantores
Que em seus muros ouviram
A Grecia fertil em saber profundo
E a bellicosa capital do mundo.

STROPHE II.

O' necessaria e immortal verdade
Dos seres creadora
É possivel que, envolta em scuridade
A par de ti, a vil destruidora
Da ordem da beldade
A negra confusão, a frente alçasse
E comtigo, ante o tempo, se avistasse!

ANTISTROPHE II.

Que mortal, da rasão as leis pisando
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade, e divinal belleza
Da força e da fraqueza,
Chamou o inerte chaos existente
Necessario, qual é o Omnipotente?

EPODO II.

O peito se embravece:
Voraz zelo às entranhas me consome.
Ah! foge, erro feroz, respeita o nome
D'aquelle a quem conhece
Por Senhor o universo; e em vão gemendo
No abysmo, esconde o teu furor horrendo.

STROPHE III.

Faze, ó rasão, soar a voz augusta
Que as rochas desaferra,
E que as forças do Averno abala, assusta:
Escutai, altos Ceos: ergue-te, ó Terra,
A fronte desencerra;
Attenta de meus versos a harmonia:
De novos pensamentos a ousadia.

ANTISTROPHE III.

Inda o sceptro chimerico empunhava
O nada avassallando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando;
E tudo repousando
No seio incerto, e immenso do possivel
De existir era apenas susceptivel.

EPODO III.

Sómente a eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade
Com infinitas perfeições brilhando
Sotopunha os futuros a seu mando.

STROPHE IV.

Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra:
O nada se fecunda, e derepente
Attonitos produzem Ceos, e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso.

ANTISTROPHE IV.

As agitadas ondas se separam
Da terra, que cobriam,
E no vasto oceano se abrigaram :
As fructiferas arvores nasciam :
De pennas se vestiam
As animadas aves ; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

EPODO IV.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece :
De raios, e de luz se rodeava
Phebo, que almo calor a tudo dava.

STROPHE V.

Sem ti, eterno Ser, ninguem podera
O véo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar ; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do orbe faça vêr, com evidencia.

ANTISTROPHE V.

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem : se um instante
Vascillas inconstante
Sem novo annel prenderes a cadêa,
Do teu mundo desfaz-se até a idéa.

EPODO V.

Abre os olhos, e extende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao logar onde formoso
O louro Sol descende,
Com passo agigantado mede a terra
E com raios a noite escura a terra.

STROPHE VI.

Um pouco te levanta ao firmamento
Nos astros que o povoam
Prende o teu vagabundo pensamento :
Conta-os, se a tanto os teus desejos voam :
Ah ! vê como pregoam
Em vós sonora o nome triumphante
D'aquelle que os sujeita á lei constante.

ANTISTROPHE VI.

O verme, que no campo resvalando
Ergue a movel cabeça ;
A aguia sobre as nuvens remontando
E do ar retalhando a massa espêssa ;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão, que esbraveja, e insulta a morte ;

EPODO VI.

O mar embravecido,
A terra de mil fructos, que a guarnecem
Toldada, com que forças reverdecem
Do homem atrevido ;
Tudo aponta a suprema intelligencia
Adoravel autora da existencia.

STROPHE VII.

Qual o dourado habitador de Quito
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto
O docil Indio, desgraçada
Da européa avareza)
Se vê tremer a terra, e abrir, corre
Fugindo em vão, que entre as ruinas morre.

ANTISTROPHE VII.

Assim vaidoso Athêo, que maneatando
A rasão, se adormenta;
Se medonho trovão ouve troando
E irada a natureza um pouco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deos potente
Per toda a parte lhe faz vêr presente.

EPODO VII.

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não trilhadas,
Ali de novo afia armas usadas
Com que a rasão escura
Abate quasi; até que emfim na morte
Do Deos, que nega, encontra o braço forte.

STROPHE VIII.

O' tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ancias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva, e escaça
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça;

ANTISTROPHE VIII.

Se o cégo Pluto todo o seu thesoiro
Desfechasse brioso,
E té assentasse sobre a prata e oiro,
Que n'elle encerra; se Mavorte iroso
Guerreiro mentiroso
De loiro em mil conquistas te c'roasse,
E a teus pés o orbe inteiro ajoelhasse:

EPODO VIII.

Se a perfida belleza
De graças e de risos brincadores
Rodeada, e de fervidos amores,
Per toda a redondeza
Te idolatrasse só: tu gemerias
Ainda, ó coração, suspirarias?

STROPHE IX.

Mais alto é teu magnifico destino;
Mas onde achaste, ó lyra,
Este som que hoje soltas, som divino?
Novo abrasado espirito me inspira
Sublime fogo gyra
Vivido em minhas vêas; escutai-me
O' mortaes, e de c'roas adornai-me.

ANTISTROPHE IX.

A ave pelos ares pressurosa
Contente se abalança :
Disprende em paz a voz harmoniosa
Sem temor, sem sentir outra esperança :
Se ingrata fome a cansa,
Aqui, ali pousando o bico agudo
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

EPODO IX.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seu carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou ; tal é a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

STROPHE X.

O infinito, ó idéa soberana,
Eis o termo anhelado
Que só póde fartar a mente humana.
O' Deos ! ó Providencia ! assim gravado
Teu nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradora
No intimo de nós altivo mora.

ANTISTROPHE X.

O' Ceos, de um Deos morada, onde se ostenta
A inexhausta riqueza
O eterno prazer, com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza
A bruta natureza
Fortes domando, a Deos só aspiraram
E á virtude só votos consagraram.

EPODO X.

Dia grande, e formoso
Aquelle, que findando o tempo, e a porta
Da eternidade abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abysmada
Vê raiar do seu Deos a face amada.

STROPHE XI.

Onde, ó homem, sêr fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou d'onde ao coração a transplantaste
Para deixal-o a suspirar afflicto?
Se o mundo circumscripto
Em limitado espaço te estreitava,
E teus vastos desejos encurtava?

ANTISTROPHE XI.

Ergue as mãos de amargura penetrado
E com fervente pranto
Os teus olhos no chão fita humilhado.
Entôa magoado triste canto,
Ao veres com espanto.
Como, ingrato, te esquece o premio eterno
Com que te acena o alto Sêr superno.

EPODO XI.

Os Ceos, a terra, os mares
Do Creador ás leis obedecendo
Se estam nos seus limites revolvendo
Per modos regulares :
O homem só, rebelde ás leis despresa
O supremo Senhor da natureza.

III

Ao homem selvagem

STROPHE I.

O' homem, que fizeste ? tudo brada ;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou ; a paz dourada
A liberdade com ferros se vê preza ,
E a palida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura —
Do Deos, que te creou, a imagem pura.

ANTISTROPHE I.

Na cythara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano.
Empenhou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoara, e o vil engano
O erro deshumano
Sua face escondeo espavorido
Cuidando ser do mundo emfim banido.

EPODO I.

Dos Ceos desce brilhando
A altiva independencia a cujo lado
Ergue a rasão o sceptro sublimado,
Eu a oiço dictando
Versos jámais ouvidos : Reis da terra
Tremei á vista do que ali se encerra.

STROPHE II.

Que montão de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis ao bem dos homens consagradas!
A natureza simples, e constante,
Com penna de diamante
Em breves regras escreveo no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE II.

O teu firme alicerce eu não pretendo
Sociedade Santa
Indiscreto abalar; sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz, que me espanta,
E aponta o denso véo da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

EPODO II.

Da dôr o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me
E as tremulas entranhas apertar-me
O' Ceos ! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos !

STROPHE III.

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho allumiava
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE III.

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha
E contra o Tempo de furor armado
Este dia alongar por gloria tinha,
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando
A noite foi do Averno a fronte alçando.

EPODO III.

Sahio do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade
E os braços com que, unida á crueldade
Se aparta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando
E os miseros humanos lacerando.

STROPHE IV.

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fêa mão da ventura
No rosto da liberdade traz juntada
De seus raios prazeres rodeada.

ANTISTROPHE IV.

Desponta, cégo Amor, as settas tuas ;
O palido ciume,
Filho da ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume ;
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apóz a doce natureza
Da fantasia os erros nada presa.

EPODO IV.

Severo volteando
As azas denegridas não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingido a vil figura
Do sabio tornam a morada dura.

STROPHE V.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo Caraiba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se
O Sol vê levantar-se
E nas ondas, de Thetis entre os braços
Entregar-se de amor aos doces laços.

ANTISTROPHE V.

O' Rasão, onde habitas ?... na morada
Do crime furiosa
Palida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio ; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro ?... Dize... aonde ?
Eu te chamo, ó philosopho ! responde.

EPODO V.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora
Depois que a luz brilhante, e creadora
Nos valles já sombria,
Apenas apparece, assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

STROPHE VI.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno,
Que primeiro enrugando o torvo aspeito,
Do meu, e teu o grito deshumano
Fez soar em seu damno :
Tremeo a socegada natureza
Ao vêr d'este mortal a louca empreza.

ANTISTROPHE VI.

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando
Do seio seu lançando
Os crueis erros, e a torrente impia
Dos vicios, que combattem, noite e dia.

EPODO VI.

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

CANTATAS

I

A Creação

RECITATIVO I.

Já do tempo voraz se devisava
A ferrea curva foice reluzindo ;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em torno de si mesma a agitava ;
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audaz nascera,
Fez retumbar a voz, que tudo impera :
Os abysmos do nada estremeceram
E ao Deos Grande, e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram ;
Attonito levanta a escura frente
O chaos rodeado
De confusão, e horror : inda a Belleza
Com pincel variado
Não orna a recente natureza.

ARIA I.

Tranquillas jazendo
As ondas dormiam

Que a face cobriam
Do chaos horrendo.
Ao leve soprão
De um zephiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar,
Do vasto oceano
No seio se ençerra ;
E a madida terra
Deixa respirar.

RECITATIVO II.

A luz resplandeceo, e o firmamento
Que em denegridas sombras se envolvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento ;
De graças, e esplendor se revestia
O magestoso dia ;
Quando, cheio de pompa, e luzimento,
O Sol rompeo nos ares, dardejando
De animante calôr celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia :
Entanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso
Sobre nuvens o sceptro reclinando
A lua os Ceos, e terras allumia.

ARIA II.

Fulgentes estrellas
Nos Ceos resplandecem ;
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.
Os montes erguidos,
Os valles retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.
Nas azas sustidas,
As aves revoam :
Nos ares entoam
Sonoras canções.

RECITATIVO III.

O' Terra ! ó Ceos ! ó muda Natureza !
Trasbordai de alegria ; triumphante
Das entranhas do nada surge o homem :
Eis apparece ; e a candida Belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea :
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel
Da mulher carinhosa
Com suave doçura resplandecem.

Apenas a divisa transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
    Em delirio amoroso,
Mil vezes em seus braços a apertava,
    E todo o extenso mundo
Por ella só, deixar pouco julgava.

ARIA III.

Qual rosa engraçada
Que zephiro adora
Terna, e delicada;
Enredo de Flora;
Assim é mimosa
E linda a mulher —
E o homem se goza
Em se lhe render.
Qual grita entre as feras
Leão rugidor
Derramando em torno
Gelido terror;
Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra;
Tudo rende, e aterra,
Em arte, e valor.

RECITATIVO IV.

O mundo era creado, e transluzia
Em toda a parte o braço omnipotente
Que fizera raiar a noite e o dia.

Da frigida semente
Outra vez novo sêr se produzia ;
Animada ao calor do Sol ardente :
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebera
Virtude de crescer, multiplicar-se
O animal, que á féra
Impia morte soubera sujeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Ceos o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escripto,
E assim fallou : Ouvi, cheios de susto
Mortaes, a voz do Deos immenso e justo.

ARIA IV.

Os Ceos entoam
Minha grandeza,
Os sêres todos
Juntos pregoam
Per varios modos
Do eterno Sêr
O incomparavel
Grande, ineffavel
Alto poder.
A minha gloria
Homem, respeita ;
Rendido aceita
Meu mandamento.

Traze á memoria,
Que o Firmamento
Por ti creei :
Que o mar, e a terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.
Si me adorares
Com vivo amor
E me offertares
Santo temor;
Per mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei;
E recompensa
Tua serei.
Mas se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás :
E em vão gemendo
No averno horrendo
Me chamarás.

II

Da Immortalidade da alma

RECITATIVO I.

Porque choras, Fileno ? Enxuga o pranto
Que réga o teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah ! não queiras cortar minha esperança,
E de dôr embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros
Nos abysmos do nada inescrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia ?
É outro o meu destino : outra a promessa
Do espirito, que em mim vive e anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante è pura,
Que soberana rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime, e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte ?
Attenta... escuta bem... olha... examina...
Em ti deve existir : eu não te engano...
Tu me dizes que existe... Ah ! meu Fileno,
Como é doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado

De ineffavel prazer, o justo goza
Do seu Deos a presença magestosa!

ARIA I.

Desperta, ó morte:
Que te detém?
Teu cruel braço
Esforça, e vem.
Vem por piedade.
Já traspassar-me
E avisinhar-me
Do summo Bem.

RECITATIVO II.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deos de amor m'inflamma:
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vêl-a
De mortal frio já passada, e languida.
Mais duravel que a vida

É da amizade a têa delicada,
Se a virtude a teceo... Emfim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento : eu não t'o nego,
Meu amante Fileno ; a voz já preza
Sinto faltar-me, o sangue
Nas vêas congelar-se : pelo rosto
Me cai frio suor ; a luz mal posso
Das trévas distinguir, e suffocado
O coração desmaia.
Vem immortalidade, vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu ultimo momento.

ARIA II.

O' Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.
Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror !

III

Pygmalião.

Já da lucida Aurora scintillava
O tremulo fulgor, e a noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente
Entre abysmos gelados se escondia.
Amor impaciente
Dos filhos de Morphêo se acompanhava,
E de Pygmalião a altiva mente,
Com lisongeiros sonhos afagava.
Ora de Galathea
A estatua airosa, e bella
Obra de seu cizel, obra divina
Se lhe avivava na amorosa idéa:
Ora cuidava vêl-a
Pouco a pouco animar-se,
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brandura, dina
D'aquella, que em Cythera
Sobre os amores, e o prazer domina.
Sobresaltado freme
E entre illusões espera
Galathea apertar nos ternos braços.
Mas subito desperta
Procura-a, não a vê; suspira e geme.
Então, com rosto triste e carregado,
O corpo ergue cansado,
E mal firmando os passos,

Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno
Que junto collocara
Ao do implacavel, fero Deos Neptuno :
Lança mão do cizel, ergue o martelo ;
Repolil-os intenta,
E o extremo ideal tocar do bello.
Mas o cizel da mão se lhe extravia :
Frôxo o martelo assenta
E na vivaz ardente fantasia
Só Galathea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que polia :
Arremessa per terra, e a tôa espalha
O martelo e o cizel com que trabalha,
Volve os olhos, repara
De Galathea amada
Na formosura rara,
E ferido de Amor, curva tremendo
Os joelhos, e já não lhe cabendo
Dentro d'alma encantada
O transporte que o agita, ardido brada :
» O' tu, que os Deoses do Olimpo
» Feres de inveja, e de espanto,
» Porque nunca poude tanto
» Todo o seu alto poder ;

» É possivel, que reunas
» Tanta graça, tal belleza,
» E te negue a natureza
» Respirar, sentir, viver?
» Eis do genio o prodigio soberano:
» Nem poderá jámais o sp'rito humano,
» Depois de rematar esta obra prima,
« Conter força sobeja
» Que poderosa seja,
» Para novos inventos, sem que o opprima,
» Tão grande exforço d'arte,
» E esmorecido desfaleça, e caia.
» Amor, ó Deos, sem quem tudo desmaia;
» Amor, que me guiaste
» O sublime cizel n'esta ardua empreza,
» Ah! desce, vem; reparte
» Da minha vida parte
» Com aquella, que tu avantajaste
» Á Deosa da belleza:
» Supre assim o languor da natureza:
» Influe doce alento
» Na minha Galathea tão formosa:
» Influe-lhe rasão e sentimento.
» O' Amor! O' Deidade grandiosa!
» Anima-a do calor, em que abrazado
» Meu coração a teu poder se rende:
» Rouba a Jove esse facho sublimado
» Do qual a vida pende:
» Sacode, vibra a chamma

» Que os mortaes aviventa, anima, inflamma:
» O' Amor! ó Deos grande! por quem vive
» Quanto nos vastos mares
» Se volve, quanto talha os leves ares;
» Per quem tudo revive
» E cuja mão potente desencerra
» A vital força, que fecunda a terra!
» Escuta a voz, que teu soccorro implora,
» E a minha Galathea
» Possa eu vêr sem demora
» Sentir o fogo, que em meu peito ondea.
» Deoses, se isto impedis, de novo digo
» Que inveja negra e fêa
» Em vossos corações achou abrigo.
» Mas que vejo! ó justos Ceos!
» Treme o marmore e respira,
» E parece se retira
» Ao toque de minha mão!
» Rubro sangue as veias gira,
» Já seu braço me rodêa,
» E da linda Galathea
» Já palpita o coração!
» Nos olhos lhe circula, eu não me engano,
» O teu fogo, ó Amor; hoje cessaste
» De ser um Deos tyranno:
» Hoje sobre os mais Deoses te elevaste.
» Que te direi, Amor?... Olha... repara
» Nas faces delicadas
» As graças animadas

» Ateando desejos, e compara
» Tuas acções com esta que fizeste :
» Vê bem como a ti mesmo te excedeste :
» Prazeres fervorosos,
» Suspiros incendidos,
» Transportes anciosos,
» Mil ais interrompidos,
» Affagos e deleites, como em bando
» Pela voluptuosa
» Cintura, mais que airosa,
» Qual a hera se enrolão, misturando
» As engraçadas frentes,
» E de mimos ardentes,
» De delicias minha alma repassando.
» O' Galathea ! ó minha doce vida !
» Tu me faltavas só para endeosar-me,
» E de immortaes prazeres inundar-me.
» Agora brame irada
» A natureza contra mim erguida !
» Não a receio, e nada
» Já me póde assustar, porque te vejo
» Responder ao meu fervido desejo ;
» Dar vida a novos sêres,
» Crear o sentimento
» De mil novos prazeres :
» Eis, ó Deoses, sem duvida a ambrozia
» O divinal sustento,
» A suave, celeste melodia,
» Que embebe de alegria,

» E torna glorioso o firmamento. »
Com este pensamento
Transportado contempla a Galathea
(Que, ou mova a medo os passos
Ou resolva o semblante,
Ou já recurve os braços
Em tórno ao seu amante,
A cada movimento,
A cada novo instante
Sente uma nova idéa,
Sente um novo prazer, que a senhorea).
Então outro prodigio Amor obrando,
A lingoagem dos sons vai lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dóte sublime
A feliz Galathea assim se exprime :
» Este marmore que toco,
» Esta flôr tão graciosa,
» Nem esta arvore frondosa
» Nada d'isto, nada é eu :
» Mas, ó tu ! que ante mim vejo,
» Que todo o meu peito abalas,
» Que tão doce de amor fallas.
» Ah ! tu sim, tambem és eu.
» Vem a mim, querido objecto,
» Aperta-me nos teus braços ;
» Convence-me em ternos laços,
» Que eu, e tu somos só eu. »

PSALMOS

I

Ut quid, Deus, repuliati in finem

Porque nos tens, ó Deos, desamparado
Até o ultimo extremo, e de ira açceso,
O peito desafogas sobre ovelhas
Do teu mesmo rebanho?
Lembra-te Deos piedoso,
Que esta gente mesquinha e abandonada,
É aquella familia, que chamaste,
E desde antigo tempo dominaste;
Per ti foi resgatada,
A fecunda vergontea promettida
Á tua herança: lembra-te dos campos
Agora desolados, da sagrada
Montanha de Sião, onde te aprouve
Fixar tua morada:
Ergue, ó Deos, ergue o braço poderoso
Contra a soberba atroz dos que atropelam
Teu desditoso povo.
Que crimes, que maldades de alto espanto
O inimigo não faz no templo santo!
Aquelles que te odeiam
Soberbos se entonavam
No lugar, onde d'antes resoava

De teus louvores o solemne canto.
Desassisados sem temor alçaram
Seus trophéos, e bandeiras penduraram ;
　　Como em publica estrada
Do templo sobre o cume tremolaram
Quaes se talha na matta abastecida
Antigos duros troncos alentados ;
Assim espedaçavam suas portas
　　A repetidos golpes
Do cortador machado, as derrubaram.
　　Com devorantes chammas
Abrazaram, ó dôr ! teu santuario.
　　Aquelle Tabernaculo
　　Que a Ti era votado
Deixaram sobre a terra profanado.
Disseram todos em seus impios peitos :
Façamos de uma vez cessar o culto
Do Deos que em Israél é adorado ;
　　Não haja mais no mundo
Um só dia a tal nome consagrado :
　　E em tanta desventura,
Os prodigios não vimos, com que usavas
　　N'outro tempo amparar-nos ;
Nem ao menos a voz soar se escuta
　　De um propheta que possa
Adoçar, consolar a magoa nossa.
Até quando, ó meu Deos ! tantos insultos
Contra nós bradará este inimigo ?
　　Ah ! vê que elle o teu nome

Profana, offende, e sem cessar irrita.
Tu és o nosso Deos, nosso monarcha,
Que nos passados fugitivos seculos,
Entre prodigios mil nos defendeste,
E por nós, de pavôr a terra encheste.
    Tu dividiste as ondas,
E a nosso favor as condensaste,
E subito soltando-as, submergiste
De ferozes dragões as vis cabeças,
Do dragão as cabeças esmagaste
    Como pasto as deixaste;
Juncando as praias da Ethiopia adusta,
De endurecidas penhas arrancaste
Serenas fontes, limpidas torrentes,
E as agitadas rapidas correntes
Dos rios enfreaste, e a pé enxuto
Per entre os seccos alveos nos guiaste.
A Ti pertence o dia, é tua a noite;
    Tu foste quem da Aurora
Formou a face linda e encantadora;
    E tu do Sol ardente
Os raios fabricaste omnipotente.
    De um pólo a outro pólo
Os limites pozeste á terra inteira,
    Das estações teceste
A regular constante alternativa.
Attenta tal poder, tanta grandeza,
E vê que o inimigo vituperios
Vozea ao seu Senhor; povo insipiente

Teu nome provocou insanamente.
Não entregues a feras sanguinarias
Aquelles que por Deos te reconhecem ;
    De teus humildes servos
    Aos rogos e aos gemidos
Até ao fim não cerres teus ouvidos.
Olha o teu testamento venerando
    Vê como escurecidos
    Na terra vagam, gemem,
Da iniquidade as casas povoando.
Não se retire triste, e confundido
O humilde : e vê que são o pobre e o humilde
Os que hão de engrandecer teu nome santo.
Desperta, ó Deos, e julga a tua causa,
Recorda-te dos feros improperios,
Que todo o dia, ou brilhe o Sol, ou mostre
A negra noite seu torvado rosto,
    Raivosa insana gente
Vomita contra ti fera e insolente.
    As vozes não esqueças
    Dos que te fazem guerra :
    Empunha o arco, e atterra
    Os pensamentos seus.
    Fervendo o seu orgulho
    A cada instante cresce
    Soberbo se engrandece
    Já sobe até os Ceos.

II

Dixi, custodiam vias meas.....

Sim, eu resolvo moderar meus passos,
E a minha lingua sopear intento,
Té entre insultos, refreal-a quero,
Porque não peque.

Injuriado, conservei humilde
Silencio austéro, nem busquei conforto;
E renovou-se minha dôr antiga
Dentro em meu peito.

Bateo no seio o coração fervente,
E a reprimida labareda ergue-se
Em quanto fixo meditava as feras
Crueis injurias.

A presa lingua desatei dizendo:
Eu já não posso, ó meu Senhor, e ao menos
Dize se perto já trasluz o dia
Da minha morte;

Ou se inda a vida supportar é força
Por largo tempo: tu mediste e contas
Meus breves annos, e, qual fumo ou nada,
São a teus olhos:

Tal é de todos os mortaes a sorte !
Como vaidosa fugitiva sombra
Correm seus dias, e comtudo inquietos,
Formão mil planos.

Rico thesoiro sem cessar abraçam,
Nescios ignoram para quem grangeam :
Mas eu, aonde pousarei a minha
Doce esperança ?

Confiarei no meu Senhor sómente,
Sim, nos teus braços o meu ser repousa ;
Vem, e desfaze meus fataes delictos,
Senhor, apaga-os.

Vê que me deste como opprobrio a um louco :
Mudo o escutei, e nem se quer os beiços
Meus se agitaram ; adorei humilde
Tua vontade.

Agora afrôxa o teu ferino açoite
Já desmaiado a tua mão abate :
Ah ! de que males venenosa fonte
É o peccado !

Por causa d'elle maltrataste o homem
E o seu esp'rito dessecar fizeste,
Como se a força lhe roesse em gyro
Voraz insecto.

Quanto é vaidade, como passa e foge
A humana raça! mas Senhor, ao menos
Meu pranto acolhe, meus gemidos ouve
Terno e piedoso.

Não emmudeças; quaes meus pais viveram
Tu bem o sabes, assim vivo estranho
E peregrino sobre a terra, habito
Ante teus olhos.

Abranda, amolga o teu furor, e deixa,
Por piedade que eu em paz respire,
Antes que a morte, qual vapor, desfaça
Minha existencia.

III

Beatus vir qui non abiit....

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos,

A revolve e medita,
Na tenebrosa noite, e claro dia.
A fortuna, e a desgraça,
Tudo parece a seu sabôr moldar-se :
Elle é, qual tenro arbusto
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando
Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, oh impios;
Mas qual o leve pó, que o vento assôpra,
Aos ares alevanta,
E abate, e espalha, e com furor dissipa.
Porisso vos espera
O dia da vingança, e o frio sangue
Vos coalhará de susto;
Nem surgireis, de gloria revestidos
Na assembléa dos justos.
O Senhor da virtude é firme esteio
Emquanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido
A naufragar sem tino.

IV

Quare fremuerunt gentes....

STROPHE.

Que frémito, e bramido em tôrno soam!
Que vãos conselhos as nações meditam!
Os principes se erguerão,
E os Reis da terra, contra o Deos supremo,
E contra o seu ungido.
» Quebremos as algemas, que nos prendem,
E o jugo sacudamos,
» Com que a cerviz indomita nos rendem: »

ANTISTROPHE.

Assim disseram; mas a sua ousada,
Infame rebeldia, o Deos eterno,
Sobre as nuvens sentado,
Com riso mofador, encara e insulta:
Já de ira lhes prepara
Abrazados discursos, já castiga,
No seu furor invicto,
E espalha a imbelle, desgraçada liga.

EPODO.

Então a voz alçando
Assim fallou o Christo do Deos vivo :
» Eu sou monarcha, sobre o monte santo,
» A frente me coróa
» O mesmo Deus, e suas leis sagradas
» A's gentes annuncio,
» Da Zona ardente té o pólo frio. »

STROPHE.

» Não duvideis, ó povos ; pois me disse
» O Nume Soberano : Tu, meu filho,
» Tu és o meu amado ;
» Eu hoje te gerei : pede, e o imperio
» Do Orbe quero dar-te ;
» Com ferreo sceptro rege a Redondeza :
» Qual de vil barro um vaso,
» A pó reduzirás tua dureza. »

ANTISTROPHE.

Ouvistes estes sons, oh Reis soberbos ?
E vós, Juizes, que julgais a terra,
Instruí-vos agora,
E da justiça meditai as regras ;
Perante o Rei supremo
Abatidos, curvai excelsas frentes,
E com jubilo santo
Alegres exultai, e reverentes.

EPODO.

A lei divina e eterna
Abraçai; que não se ire o omnipotente,
E com justa sentença do caminho
Vos lance da virtude.
Quando breve raiar de sua ira
O temerario dia,
Venturoso o que n'elle só confia.

Frey José de Santa Rita Durão.

POEMA DO CARAMURU'

CANTO SEXTO.

Morte de Moema.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando
E a prôa mette sobre a propria esteira ;
Vem seguindo a canôa, e signaes dando,
Até que aborda a embarcação velleira ;
E de paz dando a mostra conhecida,
Ás praias da Bahia a náo convida.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte esposa
A intenção de leval-a significa
A vêr de Europa a região famosa :
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
Paraguassú contente, mas saudosa ;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lhe enxuga.

É famà então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pertendiam
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agoa que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a vêr o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada.
Uma, que ás mais precede em gentileza
Não vinha menos bella, que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vesinha náo se apega ao leme.

» Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem..
Porém no tigre por cruel, que brame,
Acha forças amor, que emfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

» Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano,
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando um coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sèmpre humano,
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

» Tão dura ingratidão menos sentira
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguassú que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

» Emfim tens coração de vêr-me afflicta
Fluctuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas:
Barbaro, si esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas,
Dispara sobre mim teu cruel raio!... »
E indo dizer o mais, cahe n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor soltando o leme,
Entre as falsas escumas desce ao fundo :
Mas na onda do mar, que irado freme
Tornando a apparecer desce ao profundo :
» Ah Diogo cruel ! » disse com magoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam ;
E vendo que sem dôr, navegam, d'ellas,
A' Branca praia com furor tornavam :
Nem póde o claro heroe sem pena vel-as
Com tantas próvas, que de amor lhe davam ;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema
Sem que ou amante, ou grato gema.

CANTO OITAVO.

Tomada do Forte de Villegaignon

Mais não tolera a lusa Monarquia;
Que ao Rei Christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia
Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sá prudente envia
De válidos galeões com forte gente,
Que o herege expulsando da enseada,
Deixe nova cidade alli fundada.

Obzequioso abraçava o claro Mendo
O valoroso chefe seu conjuncto,
As forças da Bahia unido tendo
A's que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á armada lusitana
Vasto esquadrão da turba americana.

Chama-se Pão de Assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de um salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do Gentio em canôas habitado,
E do ardente Francez luzida tropa,
Que habil n'arte da guerra fez a Europa.

D'estes o luso campo accommettido
De dardos, frechas, balas se embaraça;
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultam nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido
Tudo está cego, e surdo em campo e praça,
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

Voam as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canôas dos nossos abordadas,
E os galeões, que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo que arde em chammas em redondo,
Eram na terra, e mar em sangue tinto,
Um abysmo, um inferno, um labyrintho.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo :
Tinha cedido da contenda logo,
Receioso o Tamoio do castigo;
E os Francezes, que as náos mal sustentavam,
Entre as penhas o asylo procuravam.

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte tropa pelo mato avança;
Por que abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o sertão da infame alliança :
Nem receia o Tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldêa ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto :
E o barbaro embrenhado dentro a terra
Tinha emboscada ao Portuguez disposto :
Mendo que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz lévas, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

Já dobra o Frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota alli da lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra
Irmão a irmãos, e o filho ao pai festivo
Por ter chegado são, e achado vivo.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo,
E por festiva salva estrepitosa
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo
Contra a ilha, que avistam, penhascosa;
E largamente consultado havendo
Os dous chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentam no mais alto
A peito descoberto um fero assalto.

Vêem-se entre as penhas formidaveis bocas
De canhões, e mosquetes trovejando,
E nas quebradas espantosas rocas
Do barbaro Tamoio o immenso bando:
Muitos alli das asperas barrocas
Vão os nossos fuzis precipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas
Cobriam contra nós todo o ar de settas.

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o Luso valoroso,
Trepando em furia no penedo horrendo;
Quem no meio do impulso impetuoso
Cahe, na ruina o proximo envolvendo;
Quem, ferido da frecha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Emquanto o mar em roda em chammas ferve;
Entre o fracasso, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia,
E sem que a agoa do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano;
Escondendo a cabeça, o Padre Oceano.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte envolta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o Ceo caia, o que se funda o Mundo.

Tal de Villegaignon na penha dura
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
Á escala vista, e a peito descuberto.

E já no grão penedo tremulavam
As lusas Quinas pelo forte Estacio,
E as Lises do penhasco se arrancavam,
D'onde a Villegaignon se ergue um palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavam;
E o valor Luso, dando inveja ao Lacio,
A guarnição franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professara,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao estandarte,
Que por chefe dos Lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empreza
No general da gente portugueza.

Não desfallece o capitão valente,
E de um e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de um golpe tem ferido,
Outros de ingreme poste ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
D'onde a viseira descoberta observa
Lhe aponta desde longe ardente bala:
Cahindo o heroe, na espada que conserva
Adora humilde a Cruz, e perde a falla;
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

Porque em quanto em seguil-o divertido
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do exercito subido
A dar fim com victoria á forte empresa:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor présa,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar chefe as partes de soldado.

» Á patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heroico á terra dando,
D'onde se erga immortal nova cidade:
O caso acerbo aos posteros contando,
Tenham seus cidadãos da heroicidade
Clara lição no fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro. »

Tal nome deo á enseada no recordo
Do mez, que illustre foi por caso tanto,
E á cidade deixou com justo acôrdo
A clara invocação de um martyr Santo:
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

———

CANTO SEGUNDO.

Aldeia de Selvagens.

No Reconcavo ameno um posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetral-o a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria,
Aonde, edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas,
Formaram, como em quadro, oito cabanas.

Qualquer d'ellas com móle volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita :
Tal o rude Tapuia na grande arca,
Alli dorme, allí come, alli medita,
Alli se faz humano, e de amor molle,
Alimenta a mulher, e afaga a prole.

Dentro da grã choupana a cada passo
Pende de lenho a lenho a rêde extensa,
Alli descanço toma o corpo lasso,
Alli se esconde a marital licença :
Repousa a filha no materno abraço
Em rêde especial, que tem suspensa :
Nenhum se vê (que é raro!) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem que a filha of-
(fenda.

Alli, chegando a esposa fecundada
A termo já feliz, nunca se omitte
De pôr na rêde o pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite ;
E como se a mulher soffrera nada,
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fora, tendo sido em modo serio
Seu proprio, e não das mãis o puerperio.

Quando na rêde encosta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho,
Um pequeno arco põe, frecha volante,
E um bom cutello ao lado: e em tom de velho,
Com discurso pathetico, e zelante,
Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
Que seja forte diz (como se o ouvisse),
Que se saiba vingar, que não fugisse.

Dá-lhe depois o nome, que apropria
Por similhança, que ao infante iguala,
Ou com que o espera celebre algum dia,
Se não é por defeito que o assignala:
A algum na fronte o nome se imprimia;
Ou pintam no verniz, que tem por gala,
E segundo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de féra, fruto, ou herva.

Trabalha em tanto a mãi sem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
Feliz gente, se unisse com Fé pura
A sóbria educação, que simples teve!
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo
Que é mais, que pena ou dôr, melindre e mimo.

Vai com o adulto filho á caça, ou pesca
O sollicito pai pelo alimento;
O peixe á mulher traz, e a carne fresca,
E á tenra prole a fruta por sustento:
A nova provisão sempre refresca,
E dá n'esta fadiga um documento,
Que quem nega o sustento a quem deo vida,
Quiz ser pai, por fazer-se um parricida.

Que, se acontece que a enfermar-se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe um remedio, que convenha,
Consultam-no entre si com gente antiga:
Buscam quem de herva saiba, ou cura tenha,
Que possa dar alivio ao que periga;
Ou talvez sangram n'uma febre ardente,
Servindo de lanceta um fino dente.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente acção mui pia
Tirar-lhe a vida com a maça ou lança:
Se morre o tenro filho, a mãi seria
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao Mundo d'ella veio,
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

CANTO DECIMO.

Descripção da Virgem.

Cheia de assombro a turba a Dama admira
Tornada a si da suspensão pasmosa;
E da nova visão que alli sentira,
Prosegue a ouvir-lhe a narração gostosa:
Mais bella que esse sol, que o mundo gyra,
E com côr (disse) de purpurea rosa,
Vi formar-se no Ceo nuvem serena,
Qual nasce a aurora em madrugada amena.

Vi luzeiros de chamma rutilante,
Sobre a esphera tecer claro diadema,
De materia mais pura, que o diamante,
Que obra parece de invenção suprema.
Luzia cada estrella tão brilhante,
Que parecia um sol, precioso emblema
De admiravel bellissima pessôa,
Que á roda da cabeça cinge a corôa

De ouro fino os cabellos pareciam,
Que uma aura branda aos ares espalhava,
E uns dos outros talvez se dividiam,
E outra vez um com outro se enredava:
Frechas voando, mas não feriam
Do que um só d'elles n'alma penetrava;
Cabellos tão gentis, que o Esposo amado
Se queixa, que um d'elles foi chagado.

A frente bella, candida espaçosa
Cheia de celestial serenidade
Vislumbres dava pela luz formosa
Da immortal soberana claridade:
Vê alli mansidão reinar piedosa
E envolta na modestia a suavidade,
Com graça, a quem a olhava tão serena,
Que excitando prazer, desterra a pena.

Dos olhos não ha na terra idéa
Que astros, flores, diamantes escurecem,
Ou na belleza, de mil graças chêa,
Ou nos agrados, que brilhando offrecem;
N'um olhar seu toda alma se encadêa
E mil votos á roda lhe apparecem,
Dos que a seu culto glorioso alista,
Outorgando o remedio n'uma vista.

Das faces bellas, si na terra houvera
Imagem competente, que a pintara,
As flores mais gentís da Primavera
Pelo incarnado, e branco eu compararа :
Mas flôr não nasce na terrena esphera;
Não ha estrella no Ceo tão bella e clara
Que não seja, que a oppôr-se-lhe se arrisca
Menos que a luz do sol breve faisca.

Da boca formosissima pendente
Pasma em silencio todo o Ceo, profundo :
Boca, que um *fiat* pronunciou potente,
Com mais effeito, que se creasse um Mundo :
Odorifero cheiro em todo o ambiente
Do labio se espalhava rubicundo;
Fragrancia celestial, que amante, e pia
No Filho com mil osculos bebia.

Todos suspende em pasmo respeitoso
O amavel formosissimo semblante :
E mais n'elle se ostenta poderoso
O Soberano Author do Ceo brilhante :
Pois em quanto tem o Empyreo de formoso
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto dos Seraphins o ardente incendio,
De tudo aquelle rosto era um compendio.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem
Um desmaiádo azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastros com fundos de jacintho:
Ambas com doce abraço, ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastara
Quanto Deos já creou, quanto creara.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
Por nosso amor, de um symbolo rasteiro;
Dentro parece do virgineo Manto,
Pascendo em brancos lyrios um cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa um doce somno lisongeiro,
A roda os Seraphyns, que o estrondo impedem,
Para o não despertar silencio pedem.

Aos pés da Mãi piedosa superada
Vê-se a antiga serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada
Quebra a planta virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada
Ao echo só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asperge.

João Pereira da Silva

O CARNAVAL

Já sobre as azas do voluvel tempo
O gordo Carnaval se apressa, e corre :
A roliça cerviz, o enorme ventre,
Massiças carnes, torneadas roscas
Fazem que o velho encanecido gema :
A seu lado a Folia desgrenhada,
C'um tenue véo cobrindo as partes, onde
Amor as chammas do desejo accende,
Co'os prazeres se abraça ternamente :
Andam emtorno os risos voltejando,
Ora a bocca, ora as faces lhe beijando.
Alli já se prepara o fresco entrudo :
Derrete os favos do sagaz insecto,
E breves globos cheios d'agoa fórma,
Para orvalhar a Deosa dos amores.
N'outro logar os Satyros applica
A triturar o talco reluzente,
E a loura espiga da formosa Ceres.
Pequenas bombas manuaes fabricam,
Da ferrea folha, que enriquece a Flandres,

E ás ôcas canas calculando ajustam
De humida argilla as pegajosas ballas;
Os enganos se provem destramente
De obscenas pulhas, de irritantes peças,
Manchando as roupas da fiel verdade,
Com que vão revestidos, mascarados
Encher de enojo os simples descuidados.
A devorante Gula se arregaça,
E em brando silex amolando a fauce,
A donzella novilha, o gordo pato,
O cordeiro de mama, o porco immundo,
Sobre os lares degola, consagrando
A bruta offrenda á intemperança bruta;
O môço Deos, de duas mães nascido,
Da terrestre ambrosia as pipas ábre:
Concavos tarros os pastores enchem,
E os refulgentes copos levantando,
Se vão em gratas libações saudando.
Eu penso vêr os Baccanaes antigos
Nos seculos christãos resuscitados:
Furiosas Baccantes transportadas
Se coreavam de pampanos viçosos,
Soltas as tranças, os vestidos soltos,
Altas as mãos, os thyrsos meneando,
— Evoé, evoé — Os ares dizem,
Trazendo os echos de ululantes gritos;
Outras a branca espadua *guarnecendo*
Com toscas pelles de manchados tigres,
Entre sonoros cymbalos saltando,

Com torpes momos, com lascivos gestos,
Imitando as selvaticas Napêas,
C'os pés ordenam desiguaes corêas.
Rugosa mão de tremula Canidia,
O melifluo bollo repartindo,
Com mil desconcertados movimentos,
Os bocados offerece a cada instante
Ao nescio, estupefacto circumstante.
Bem depressa a luxuria consagrada
Degenerou em sordida lascivia.
Este mostro, quebrando o doce freio,
Com que o doma a pudica Natureza,
Os torpes membros sem pudor descobre
Ao incendio voraz, voluptuoso,
Que o almo licor nos corações ateia,
Sem que aos olhos do Ceo, e gente os cubra
Outro manto, que o véo da clara noite.
Assim o pai dos tres irmãos contrarios
Cheio do mesmo sumo, que espremera
Acaso um dia dos maduros cachos,
Jazia á luz do mundo descomposto;
E em quanto a impudicicia o riso solta:
A modestia co'a mão os olhos tapa,
E tinta em rubra côr lhe lança a capa.
Assim do mesmo sumo embriagado,
Teve outro pai as filhas por espozas;
Cujos filhos, da mãi irmãos, sobrinhos
Forão, sendo do pai filhos, e netos.
Quem póde crer tão barbaros projectos!

Mas em vão, ó Posthumio, e tu Philippo (1),
Pesando na balança da Justiça
Estes costumes vis, os ameaças
Co'a dura espada de terriveis penas.
As vossas leis, e o vosso mesmo imperio
Cahio. Qual rocha sobre o mar pendente,
Que, pela mão do Tempo compellida,
As ondas fere, erguendo as espadanas;
Mas sempre ficam sobre o mar boiantes
Os verdes troncos, que plantados n'ella,
Desracinados são no precipicio:
Assim vossas virtudes, vossas forças
Perderam seus direitos, seus officios,
E só nos restam vossos mesmos vicios.
Eu vejo ainda nas funcções sagradas
Ter a Dissolução ampla licença
Para nutrir no seu nefando seio
Os torpes filhos, que pario do luxo:
Vejo dos proprios templos amparar-se,
Para exercer seus sórdidos costumes,
E ante (2) os mesmos altares, ante os pios,
Puros retratos do Author da vida,
Formar concertos de immodestas danças
Ao som de impuras cytharas chulantes.
Que mais podem fazer ébrias Bacchantes?

---

(1) Dous consules romanos, que prohibiram os baccanaes com grandes penas.

(2) Os bailes de S. Gonçalo em S. Domingos em Lisboa.

Vejo na Caballina das Sciencias,
Cujas sonoras agoas transbordando
Do mundo os quatro membros fertilisam,
Voltar Minerva envergonhada o rosto,
Vendo a muitos dos seus espurios filhos
Nus, co'as bellas Mondegides despidas,
Só c'um breve sendal salvando o pejo,
E em ordenada procissão devota (1),
Que vai guiando a horrenda hypocrisia,
E o cercilhado fanatismo estulto,
A luxuria levar ao santuario:
Por menor crime d'elle expulsas foram
De um divinal flagello a golpes rijos,
N'outro tempo a cubiça, e avareza,
Alli tendo em symetricas fileiras
Postado as tendas de usurarias feiras.
Vejo, emfim, que no tempo destinado (2)
Para alimpar a estrada á penitencia,
A mascara de todo os vicios tiram,
E sem disfarce pelas ruas andam
Acommettendo á misera pobreza,
Que, debaixo de um manto esfarrapado,
Talvez mendiga o pão, que a Gulla entorna
Pelas bordadas, guarnecidas mezas
Da fina louça, que o Japão fabriça.
Mas que aproveita estar vociferando

---

(1) A procissão dos Nus em Coimbra.
(2) O jubileo das quarenta horas.

De antigos erros aos ouvidos surdos?
Nós vemos hoje o que já outros viram;
E não poderam, da rasão armados,
Do louro trigo separar a ervinha,
E os rudes cardos das mimosas flores.
  Qual vil sendeiro, que na estrada embica,
Nem da aguda rozeta em sangue tinta,
Nem alanhando-o c'o azurrague forte
Calosa mão de barbaro lacaio,
Adianta um só passo do caminho:
Ou qual tortuoso rio encabeçado
Não perde o leito, em que se acama um tempo,
Por mais que o lavrador por novas vallas
Divertil-o pretenda, e encaminhal-o,
Por onde não destrua as sementeiras:
Taes são dos homens os teimosos usos,
Que o sabio observa como vãos abusos,
E d'elles arrancar debalde intenta.
  Deixemos pois a sêpa; que já torta
Brotou do fertil chão da Natureza:
Querer torcel-a para endireital-a,
Será só de a quebrar talvez o meio:
Consiste o seu direito na tortura.
Tal é do mundo a nescia formosura!

Frey Francisco de São Carlos

POEMA DA ASSUMPÇÃO

CANTO PRIMEIRO.

Invocação

Oh! tu, grande signal, raro portento
Dos sec'los e do ethereo firmamento,
Nova idéa brilhante, a mais perfeita
Do archetypo exemplar, e tão aceita,
Que chegaste a ser d'elle, oh maravilha!
Boa Mãe, linda esposa, e cara filha:
Aspira os votos meus, e que meu canto
Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
Aspira, OH VIRGEM, porque cante e diga
Quanto a verdade, e a devoção me obriga.

Pulchros celicultores, que os assentos
Occupais dos sidereos aposentos;
Rubis, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós que mil vezes n'esta sancta empreza
Medistes-vos co'a barbara fereza
Do cháos; e de seus monstros e tyrannos

Frustrastes as traições e negros planos;
Si por mim celebrada se sublima
Vossa augusta Princeza em doce rima,
Dai tambem novo ardor ao canto nosso,
Que sendo por quem é tambem é vosso.

E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
Musa do Ceo, de estrellas coroada;
N'esta via escabrosa, e tão confusa,
Ah! digna-te de seres minha Musa.

Os mysterios descobre ao vate altivos,
Que em cofres d'ouro guardam teus arquivos:
Dize-lhe, como pôde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura;
Que louros recebeo, que recompensa
Da alta mão, que no premio é grata e immensa.
E é crivel, que essas furias lá do averno
Obstassem aos decretos do Ente eterno,
Relutando atrevidas, que a ditosa
Virgem galgasse a esphera luminosa?
Acaso sobre os Bemaventurados
Tem inda algum influxo estes malvados?
Ou seu negro rancor, ou seus tormentos
Os arrastam á taes atrevimentos?
E tu, Padre Christifero, cocheiro,
E carroça gentil do pregoeiro
Esquadrão da evangelica pobreza,
Nosso muro, e brasão, nossa defeza;

Tu que em teus membros nunca profanados,
Como em ouro, trazias engastados
Os purpureos rubis do Author da vida;
Estampa em seus ardores esculpida;
Tu, que á inclita Mãe, inda no mundo,
Déste provas de um culto o mais profundo,
Vem, pois lhe foste em vida tão amigo;
Romper o pégo em meu baixel commigo.
E vós martyres, virgens, confessores,
Da immortal primavera immortaes flores;
Vós, ó Santos, e Santas, que tranquillos
Nas praias do prazer certos asylos
Já possuís; tocada a meta, e o norte
Só inquietos pela nossa sorte;
A' vós todos invoco: minha empreza
Escudo em vós encontre, e alta defeza.
Mostrai-nos de harmonia novos modos,
Cantem todos o bem, que toca á todos.

E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
Musa do Ceo, de estrellas coroada,
N'esta via escabrosa, e tão confusa,
Ah! Digna-te de séres minha Musa.

CANTO PRIMEIRO.

Carro triumphal.

Entretanto já o carro luminoso,
Altar portil, throno venturoso
Da Virgem, tinha arado de seu passo
Grande parte do Ceo : por todo o espaço
Raios a rutilar tão soberanos,
Que se Deos publicasse seus arcanos,
Teriam visto aquella madrugada
Novo signal no Olympo, da apartada
Terra o viajor ainda mal desperto ;
Do mar o nauta calejado, e experto.
Em chapas d'ouro fino alli se viam
Mil emblemas, que a Virgem descreviam :
Um lirio entre os espinhos, cousa estranha !
Em cativeiro a Arca na campanha ;
Um esgalho fatal, onde enroscada
Estava a verde serpe : a ensanguentada
Bocca halitos de morte bafejando,
O fraudulento pomo hia mostrando.
Cuja cabeça indomita suplanta
Com masculo vigor virginal planta.
Todo o contexto emfim de sua vida,
Por diversos pedaços repartida.
Qual a maga pintora, a Natureza,

Que a flôr ornando com delicadeza,
Corrobora o pistilo enfraquecido,
Desenvolve o estame contrahido,
As antheras polvilha, e com primores
Do petalo purpureo aviva as cores;
Não de outra sorte o Ceo fez lisongeiro
No thalamo da Esposa do Cordeiro.
A maquina puchavam á porfia
Os cidadãos do Reino da alegria.
Tendo por grão mercê da sua sorte,
Algum emprego ter n'este transporte,
E tanto se presavam carregados,
Que o pezo não sentiam de presados.
Sobre um globo de estranha architectura
Hia a unica Feniz, Virgem pura:
Leda no gesto; angelica, serena,
E da celeste unção tão rica, e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
D'aquelle Pai, que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntara em nada escassa;
Mil reverberos vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O zephiro, que alguma vez alçava
O véo avaro, e rico, que occultava
Da anelada madeixa os fios d'ouro,
Ria de gosto, a expor tanto thesouro.
Fulgente tunica de côr incerta
Traz vestida, que rico cinto aperta.

Cinto digno de ver-se ; obra, e desenho
Do gosto angelical. No desempenho
Tecida estava, como por memoria
Da revolta de Eden em breve a historia.
Via-se o Par no pranto já immergido,
Da graça nu, de folhas vis cingido.
Da floresta exulada da innocencia,
Victimas do affáu, alvos da indigencia.
Eis d'ouro um Cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadora flamea espada,
Ameaçando os colonos agressores
De vir colher no vacuo Eden as flores.
Em tanta desventura, em tantas penas,
Virginia planta se divisa apenas,
Conculcando o dragão; alta vingança !
Dos Padres tão chorada na tardança.
Tinha no cinto a angelica destreza
Tambem bordado o Horeb : e na aspereza
Da escabrosa montanha affigurada
A silva, em labaredas não crestada.
Mas avante ancião de grão respeito,
Maduro na rasão, grave no aspeito,
Que uma açucena empunha, venturoso
Guarda, que o nome tinha só de espozo.
Logo o Nuncio na fórma humana alada,
Que lá do Olimpo desce co'a embaixada ;
Tambem se via a candida Pombinha,
Emblema do Alto Espirito ; que tinha
Do bico d'ouro um raio, que tocava

Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava.
Sem que a próle do Ceo, não vista empreza,
Desbote a flôr da virginal pureza:
Depois arido plano, que sequioso
Do rocio do Ceo, um branco e airoso
Lirio offertava de novel frescura
Como se blasonara de cultura.
Logo estrella fulgente, nos seus raios
Sem ter diminuição, sem ter desmaios;
E um vaso emfim de argila virgem, onde
O nectar, que orvalhara o Ceo, se esconde.
Nobres trophéos, fatidica pintura
De prolifica Mãi, de Virgem pura;
O resto serpeando com largueza
Aljofares, rubis, toda riqueza.
Emfim manto ceruleo sobre tudo,
Brincando rosas d'ouro no veludo.
Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas cores foi tão variado;
Nunca do velho chaos a longa idade
Vio formosura tal, tal magestade;
Nem o Trino poder a produzira,
Quando do nada as agoas extrahira;
Se é que ella não foi essa formosa
Matrona illustre, de astros luminosos
Que tu, Aguia sublime, has desenhado,
Lá nas grutas de Pathmos exulado.

CANTO TERCEIRO.

O Paraiso.

Ha no seio do immenso uma paragem
Escondida aos mortaes, do Ceo imagem;
Logar santo, ditoso, sem pesares,
Onde os prazeres gyram a milhares.
Habitação da paz, solar do riso,
E com rasão chamado — Paraiso. —
Acolá se entrelaça com a hera,
Co'o rico outono a olente primavera;
Frescos sempre os matizes da campanha
De perenne verdor, de graça estranha,
Não adulam a vista n'estes prados
Arvoredos por ordem alinhados;
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas, ou toscanas;
Nem maquinas hydraulicas, que as puras
Agoas deitam por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade
Que excede sempre a arte em magestade.
O' musa! dá aos meus versos a doçura
Dos fructos, de que vou dar a pintura.
A manga doce e em cheiro soberana,
Que imita o coração, no galho ufana.
De um lado a crocea côr, e fulva exalta

Do luzente metal, que a muitos falta ;
De outro lado porém retrata aquella
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendentes estão dos ramos verdejantes
Os cajús, á saude tão prestantes ;
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados :
Talismans, que lhes deo a natureza
Por não se fascinar tanta belleza.
Odoriferos jambos coroados
Alvejam na vergontea apinhoados.
Negreja o liso abrunho, envolto em luto,
O qual da Syria veio : e o debil fructo,
Que lá da Cerasúntha o nome toma,
Por Lucullo trazido á velha Roma.
Entre as folhas gigantes laceradas
Dos bananaes espessos arranjadas
Lourejam suas filhas ; aguçando
O appetite, e os olhos affagando.
Dos folhudos festões estão pendentes
Pelo tronco trepando, os recendentes
Fructos da agreste flôr, quadro imitante
Do martyrio, e paixão de um Deos amante.
Gemem emfim as arvores curvadas
Com o pezo das fructas sazonadas.
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'oiro talvez, que em vossa granja
Hisperides zelaveis ; mas colhidos,
São por Tyrinthio a Euristheo trazidos.

No mesmo ramo encanta a formosura
Da fructa em flôr, da verde, ou já madura:
Mostrando a natureza aqui reunido,
Quanto n'outras sazões tem repartido.
Tal matrona fecunda em proles bellas
Nubeis tem, uma ao collo, e outras puellas.
Assim n'um quadro só pinceis mui habeis
Desenham mil objectos deleitaveis.
Assim por S. João, no mez nevado,
Depois do esbulho teres supportado
De tuas ramas velhas ó roseira,
Aos astros te apresentas lisongeira
Quando as novas de rosas mil enxertas;
Umas inda em botão, outras já abertas.
Em vão nedios racimos a encrespada
Vide, que com o olmeiro está casada,
A' luz Phebéa expõem, tanta riqueza
Ai! da pompa é trophéo, é só belleza.
Aligero cantor da etherea estancia
Apenas prova parte da abundancia.
Tal era a sorte de outras muitas fructas,
Sempre das mãos intactas, e incorruptas,
Tal a da pinha, que trazida outr'ora
Do Eóo paiz, berço da aurora,
Com seu nectar suave torna escravos,
Abelhas do monte Hybla, vossos favos.
Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo:
Mas que tens por corôa alto penacho,
E vestido de escamas, qual guerreiro,

Um halito bafejas lisongeiro.
Nem baixo te reputes deshonroso :
Tal de Carlos o pai, mas foi famoso.
E o bravo lá da Emathia, na estatura
Apoucado, foi raio de bravura.
Sem dar accesso a Phebo a intonsa coma
Os bosques todos são troncos de aroma.
Seus ramos elevando aos ares puros
Ao vento indoceis, a borrascas duros :
Tudo quanto perfuma o ambiente
Balsamo, canella, incenso ardente,
E tu, cedro odorifero, que exhalas
Fragrancia ardendo nas circêas salas ;
Quando do Ithaco os socios lá chegaram,
Que em ursos pela Maga se voltaram.
A Cynirêa prole criminosa
Do bello Adonis mãi, toda chorosa
Lembrada inda do crime, alli gotteja
A lagrima gelada, e bemfazeja.
Vegeta a rama, e a folha perfumante
Com que Daphne roubou-se ao cégo amante.
Negros picos e fragas se avistavam
Que ao longe os céos serenos topetavam ;
D'onde se despenhando crepitantes
Alveos de varias lymphas escumantes ;
Vinham dormir nas fraldas, e campinas
Sobre leitos de areias crystallinas.
Tanques bordados do matiz de Flora,
Doce attractivo do cantor da aurora.

Prateados peixinhos agitando
As caudas pelo fundo estão brincando.
Pelos prados floriferos serpeam,
Humectando o matiz, de que se arreiam,
Perennes agoas, fontes peregrinas,
Quaes liquidas riquezas argentinas.
Rolando vem com ellas pelo fundo
Folhetas de oiro; e tudo quanto o mundo
Em preço tem; o rigido diamante,
O rubi, que da brasa é semelhante:
A amathista, a chrysolita, a turqueza,
Lapidadas da propria natureza.
As margens dos ribeiros são teçumes,
Que o ar incensão com subtis perfumes.
Rasteira madresilva, hervas cheirosas.
Assim como na sêda, ou rica tella
A agulha brinca da gentil donzella.
Tecendo com mil fios, e mil cores
Primorosos padrões, varios lavores;
Tal era d'estes prados a pintura,
Que das agoas recebem a frescura.
Ah! purpureo cravo, tu vegetas
Sem sentires do Sol ardentes settas.
Sempre fresco, e brilhante, sempre inteiro
Eterna a tua côr, eterno o cheiro.
E tu, sol dos jardins, rosa engraçada,
Que já na tyria côr, côr sublimada
Ostentas de rainha a preeminencia;
A vegetar alli tanta excellencia

Ostentas, que em belleza inda as mais bellas
Vences, como no Ceo Phebo as estrellas.
Veceja de Hiemen a estranha planta
Cuja amendoa torrada o gosto incanta.
A flôr, que desabrocha só nocturna
E se aggrava ao raiar a luz diurna.
E a triste em côr tambem, que matizando
De rôxo o prado, á Igreja está imitando
No tempo, em que na cinza amargurada
Chora do Espozo a scena já passada.
A magdonia thuricrena, que incensa
Do grão Temistilão a riba extensa:
De quem a florescencia dáta os annos,
E épochas memoraveis dos paizanos.
O amarello ipé, tão lisongeiro
Nas ribeiras do placido Janeiro:
Presado berço meu, que fez a sorte
Do aurifero Brazil o centro, e a côrte.
Por cujas mattas, solidões amenas
Tambem correm Castalias: e as Camenas
Ao som das citharas do Pithio loiro
Affinam vozes, cantam versos d'oiro.
Tambem do alpestre Corcovado descem
Perennes agoas, que não desmerecem
As que borbulham sobre a arêa fina
Do talco argenteo, lá na Caballina.
Brilha emfim a familia toda em summa
Da balsamica Flora, que perfuma.
Diversa nas especies, e figuras,

Grata nos cheiros, linda nas pinturas.
Anemones, jasmins, goivos, acantos,
Rôxos lirios, perpetuos amarantos;
Cujas faces os zephiros beijando
Vão lascivos o ar embalsamando.
Não menos brilha, e ostenta, que o de Flora,
O alado esquadrão, que ella namora.
Pelas margens do lago, em passo lento,
Procura a nivea garça o seu sustento.
Geme a casta rolinha lá da inculta
Brenha, quando o calor do Sol avulta.
Curvada com seu peso, sobre a espiga
Já loira do arrozal, a doce intriga
Modula o cheirinho, e lá do ramo
Da aroeira responde o gaturamo.
Sobre um tronco despido, e empavesado
Pavão eis que escurece com o doirado
Dos olhos do pastor, e bellas pintas
Mensageira de Juno, as tuas tintas.
Crusavam pelo ar, bem como flores
Aligeras, alados de mil cores.
Direis, que a brilhante primavera
Deixando o prado, matisava a esphera.
O pequeno colibrio, esta ave rara;
Trophéo na pequenhez da mão, que a ornara,
Ostenta o peito d'oiro, e esvoaçando
Com susurro, e tremor, anda libando
O nectar, e dulcissimos sabores
Que ençerra o calix de mellifluas flores.

Pygmeo na esphera das gentís volantes
Se na esphera das aves ha gigantes.
Vê-se o ninho co'o bico o passarinho
Tecer, só da consorte o alado arminho
Soccorros tem; e na cruel fadiga
Ser o peito o compasso o instincto obriga.
Porém nas dimensões com tal destreza
Que não cede ao Geometra em certeza.
Aqui paixões não ha, não ha cuidados,
Nem desejos de gloria illimitados,
Nem ciumes de amor, e a vã cobiça,
Que o fogo da ambição ao peito atiça.
Não soam bronzes tristes, e agoureiros
Das pompas sepulchraes mil pregoeiros;
Nem o ronco tambôr bellico: a bandeira
Não treme em batalhões; nem tu guerreira
Tuba, despertas com o teu som tyranno
O povo a esperdiçar o sangue humano.
Tange a virginea paz, balha a alegria,
Ou se recolha o Sol, ou nasça o dia.
Sómente sôa o gorgear das aves,
Cujos reclamos são, e échos suaves,
Dos Padres a harmonia em doces hymnos
De ser interminavel metros dinos.
Metros doces, grandiloquos, alçados
Por elles concebidos, e rimados;
Que na gloria, em que exultam, não despresam
As filhas da memoria, antes se presam
De cultivar esta arte peregrina,

Que com sublimes dons, com voz divina
Eternisa a virtude, e Omnisciencia
Do Sêr, que é o mesmo a gloria, é mesmo a
(Essencia.

CANTO SEXTO.

Rio de Janeiro

A cidade que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frótas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá de Lisia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outros no porvir da idade
Os trophéos que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras irão beber sua nobreza

Nos tratos mercantís. Tal que se présa
De ver nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas serão mais dextras no compasso
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mas cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei ; eis d'esta a sorte.
  Gravaram do rigor de impostos novos
Os Dinastas crueis a terra, e os povos
Egypcios, por alçar massas estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade;
É certo que o sentio o povo santo
Que tanto ali gemeo por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Meris, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui pelo contrario poz natura
Por brasões da primeira architectura,
Volumes colossaes, côrpos enormes
Cilyndros de granito desconformes
Massas, que não ergueram humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
  Por uma, e outra parte ao Ceo subindo
Vão mil rochas, e picos, que existindo

Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza
Deoses parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãi, que ao ar sahiram
Na voz da creação; e mal, que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extensões, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tiphêos petrificados.
Ao resto sobresahe co'a frente erguida
Dos Orgãos a montanha, abastecida
De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o Lago d'agoa amara
Do grão Nictheroy, do Ganabára.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortigia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.
Vêdes na fóz aquelle que apparece
Pont'agudo e escarpado? — Pois parece,
Que deo-lhe a providente natureza,
(Além das obras d'arte) por defeza
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo, sempre armado
De face negra, e torva; e mais se o c'rôa
Neve, e trovões e raios, com que atroa;
Que co'a fronte no Ceo, no mar os rastros,

Atrevido ameaça o pego, e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-hia
Que era um d'esses Alcidas gigante
Que intentou escalar o Ceo brilhante :
Que das deosas do Olympo namorado,
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deosas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horizonte :
Mal que espreita surgir lenho inimigo
Prompto avisa, e previne-se o perigo.
Então, Brazil, virá tua ventura ;
O sec'lo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicor textura
Teus braços cingirá, tua cintura.
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rojo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemfluo rio.
Correo-se o panno á scena : roçagante
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço, e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, d'onde santa resplandeça

Com raios de rubís a Cruz erguida :
A Cruz, que é tua crença recebida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados
Mais doces hão de ser ; porque cantados
Dos Tyrios serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa, que unida
Nasce á casca da rama : a denegrida
Jaboticaba doce, que bem vinga
Nas frescas vargeas de Piratininga.

Domingos Vidal Barbosa

ODE

A Affonso de Albuquerque

Onde, ó Musa, me levas inflammado?
Onde me guia teu furor divino?
Em transportes de gosto arrebatado
A curva lyra afino.
D'Africa vejo os asperos logares,
Vejo rasgados nunca vistos mares.

Ondeando as reaes altas bandeiras
Vê o assustado Ganges; treme a terra
Ao rouco som das tubas pregoeiras
Da turbulenta guerra.
Eis que medroso ouvindo o Oriente,
Treme de susto o Samorim potente.

Em denso fumo envolto, ardendo em ira
Vomita o bronze a sibilante bala,
O triste horror por toda a parte gyra;
Altos muros escála
O invicto Affonso, e os Naires bellicosos
Do largo ferro fogem temerosos.

Partida a longa barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabelludo
Lhe ondêa com a vista enfurecida.
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada ;
Asia já mostra a face ensanguentada.

Entre os espessos barbaros alfanges
Vejo arrancar os loiros vencedores ;
Fogem cortadas, timidas phalanges
D'entre mortaes clamores.
Do guerreiro Albuquerque o nome e a gloria
Vejo subir ao templo da Memoria.

Volta a grande Orfação o rosto irado,
A guerreira cidade vejo afflicta
Cahir sobre o seu sangue derramado,
Domada a furia invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O collo offerece á aspera corrente.

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos azulados,
Pernas e braços inda palpitantes
E os mares descorados.
Guerra, guerra já oiço em toda a parte
Brandindo irado o lusitano Marte.

A tragadora chamma crepitante
Sobre as azas do fumo suspendida
Sobe a lamber os ares vacillante ;
Mascate enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro effeito,
Volve no immundo pó o afflicto peito.

Já triste sobre as cinzas assentada
No meio dos temores e agonias,
Co'a fria mão na face ensanguentada ;
Chora os passados dias,
Ouvindo entre o rancor o medo e o susto
Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

O rio Ganges forte e celebrado,
Detém um pouco a tumida corrente,
Eu o vejo entre susto descorado
Chegar obediente
Com vacillantes passos duvidoso
A vencedora mão beijar medroso.

A decantada Ormuz sempre guerreira
Gôa, Pangim, Malaca bellicosa,
Turbadas cedem pela vez primeira
Á espada furiosa ;
E sobre seus estragos e ruinas
Tremular vejo as vencedoras Quinas.

O' guerreiro Albuquerque, a vossa historia
Por mais que corra a tragadora idade,
D'Africa horror, de Lusitania gloria,
Vive na eternidade,
E o vosso nome no sagrado Templo
Aos futuros Heroes sirva de exemplo.

José Basilio da Gama

POEMA DO URAGUAY

CANTO TERCEIRO

Lindoya

. . . . Descontente, e triste
Marchava o general : não soffre o peito
Compadecido, e generoso á vista
D'aquelles frios, e sangrados corpos,
Victimas da ambição, de injusto imperio.
Foram ganhando, e descobrindo terra
Inimiga, e infiel ; até que um dia
Fizeram alto, e se acamparam, onde
Incultas vargeas, por espaço immenso
Enfadonhas, e estereis acompanham
Ambas as margens de um profundo rio.
Todas estas vastissimas campinas
Cobrem palustres, e tecidas canas,
E leves juncos de calor tostados,
Prompta materia de voraz incendio.
O Indio habitador, de quando em quando
Com estranha cultura entrega ao fogo

Muitas legoas de campo : o incendio dura
Emquanto dura, e o favorece o vento.
Da herva, que renasce, se apascenta
O immenso gado, que dos montes desce ;
E renovando incendios d'esta sorte
A arte emenda a Natureza, e podem
Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.
Mas agora sabendo por espias
As nossas marchas, conservavam sempre
Seccas as torradissimas campinas;
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora, e a cinza fria
Fertilisasse o arido terreno.
O cavallo até li forte, e brioso,
E costumado a não ter mais sustento
N'aquelles climas, do que a verde relva
Da mimosa campina, desfallece.
Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
Os pés, e cava o chão co'as mãos, e o valle
Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.
Era alta noite, e carrancudo, e triste
Negava o Ceo envolto em pobre manto
A luz ao mundo, e murmurar se ouvia
Ao longe o rio, e menear-se o vento.
Respirava descanço a natureza.
Só na outra margem não podia emtanto
O inquieto Cacambo achar socego.
No perturbado interrompido somno,
Talvez fosse illusão, se lhe apresenta

A triste imagem de Cepê despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto, e nos pisados braços
Inda os signaes da misera cahida.
Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
A rota aljava, e as descompostas pennas.
Quanto diverso do Cepé valente,
Que no meio dos nossos espalhava
De pó, de sangue, e de suor coberto,
O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:
Foge, foge, Cacambo. E tu descanças,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas patrias gruttas
Tua fraqueza, e desventura encobre.
Ou se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de gloria, ao duro passo
Resiste valoroso; ah tu, que podes!
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
A' fortuna da Europa, agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Envolve em fogo, e fumo o campo, e paguem
O teu sangue, e o meu sangue. Assim dizendo
Se perdeo entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas no ar fumante tocha;
E assignala com chammas o caminho.
Acorda o Indio valeroso, e salta
Longe da curva rêde, e sem demora,
O arco e as settas arrebata, e fere

O chão com o pé : quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as varias pennas,
E o arco, e as settas, e a sonora aljava ;
E onde mais manso, e mais quieto o rio
Se estende, e espraia sobre a ruiva arêa
Pensativo, e turbado entra ; e com agoa
Já por cima das mãos, e os olhos
Levanta ao Ceo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabía emtanto
A nova empreza na limosa gruta,
O Patrio rio, e dando um geito á urna,
Fez que as agoas corressem mais serenas ;
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte, d'onde vinha o vento.
Lá, como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si desperta a chamma,
Que já se atêa nas ligeiras palhas
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
Da perigosa luz ; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta,

E temeraria, e venturosamente
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vez se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a arêa.
Debalde gritàm, e debalde ás margens
Corre a gente apressada. Elle entretanto
Sacode as pernas, e os nervosos braços:
Rompe as escumas assoprando, e a um tempo
Sospendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses,
Vaidoso da ruina, que causara,
Vio abrazar de Troya os altos muros,
E a perjura cidade envolta em fumo
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce emtanto
O incendio furioso, e o irado vento
Arrebata ás mãos cheias vivas chammas,
Que aqui, e ali pela campina espalha.
Communica-se a um tempo ao largo campo
A chamma abrazadora, e em breve espaço
Cerca as barracas da confusa gente.
Armado o general, como se achava,
Sahio do pavilhão, e prompto atalha,
Que não prosiga o voador incendio.
Poucas tendas entrega ao fogo, e manda,
Sem mais demora, abrir largo caminho,

Que os repare das chammas. Uns já cortam
As combustiveis palhas, outros trazem
Nos promptos vasos as visinhas ondas.
Mais não espera o Barbaro atrevido.
A todos se adianta; e desejoso
De levar a noticia ao grande Balda,
N'aquella mesma noite o passo estende.
Tanto se apressa, que na quarta aurora
Por veredas occultas vio de longe
A doce Patria, e os conhecidos montes
E o templo, que tocava o Ceo co'as grimpas,
Mas não sabia, que a fortuna emtanto
Lhe preparava a ultima ruina.
Quanto seria mais ditoso! Quanto
Melhor lhe fôra o acabar a vida
Na frente do inimigo em campo aberto,
Ou sobre os restos de abrazadas tendas,
Obra do seu valor! Tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos, e honestos
Em verdes annos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A gloria enganadora. Ou que foi Balda
Engenhoso, e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna, e perigosa
Do Indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida

Presenciou dos dois amantes, nunca
Consentio que outra vez tomasse nos braços
Da formosa Lindoya, e descobria
Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado, e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda, que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda, e o aparte
Da luz do sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade, e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado Juiz; até que á força
De desgostos, de magoa, e de saudade,
Por meio de um licor desconhecido,
Que lhe deo compassivo o santo Padre,
Jaz o illustre Cacambo; entre os Gentios
Unico, que na paz, e em dura guerra,
De virtude, e de valor deo claro exemplo.
Chorado occultamente, e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis Ministros, encobri ao menos
A funesta noticia. Ai que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.

Nem quer que o Espozo longamente a espere
No reino escuro, aonde se não ama.

CANTO QUARTO.

Morte de Lindoya

De escalvada montanha, que os infernos
Co'o pezo opprime, e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge á terra pouco a pouco
Ir crescendo o horisonte, que se encurva,
Até que com os céos o mar confina,
Nem tem a vista mais que o ar, e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o Ceo, que o mais lhe en-
A tarda, e fria nevoa, escura e densa. (cobre
Mas quando o sol de lá do eterno, e fixo
Purpureo encosto do dourado assento,
Co'a creadora mão desfaz, e corre
O véo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
D'aquella altura, por espaço immenso,
Vêr as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes,

E lagos crystallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles,
E arvoredos copados, e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produzio a superflua natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio ; e as varias plantas
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende, e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe
As casas branquejando, e os altos Templos.
Ajuntavam-se os Indios entretanto
No logar mais visinho, onde o bom Padre
Queria dar Lindoya por espoza
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto,
E a regia autoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande Templo, e na visinha praça
Se vão dispondo de uma, e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.
Co'a chata frente de urucú tingida
Vinha o'Indio Kobbé disforme, e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento,
Traz comsigo os selvagens da montanha,

Que comem os seus mortos; nem consentem
Que jámais lhes escônda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra
O mancebo Pindó, que succedera
A' Cepé no logar: inda em memoria
Do não vingado irmão, que tanto amava
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr, que Cepé usava sempre em guerra..
Vão com elle os seus Tapes, que se afrontam,
E que tem por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz, mas são tão destros
No exercicio da frecha, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guanarís de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do Ceo trazem vestidas,
Com cintas amarellas: e Badetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu jardim: até o meio a lança
Pintada de vermelho, e a terra, e o corpo
Todo coberto de amarellas plumas.

Pendente a rica espada de Cacambo ;
E pelos peitos ao través lançada
Por cima do hombro esquerdo a verde faxa,
De d'onde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú Guaçú feroz, e vem gulando
Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Revia-se em Badetta o santo Padre ;
E fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta, recebia
O esperado Thedeo activo, e prompto,
A quem acompanhava vagaroso
Com as chaves no cinto o irmão Patusca,
De pesada, enormissima barriga.
Jámais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas do descanço.
De indulgente moral, e brando peito,
Que penetrado da fraqûeza humana
Soffre em paz as delicias d'esta vida,
Taes, e quaes nol-as dão. Gosta das cousas,
Porque gosta, e contenta-se do effeito,
E nem sabe, e nem quer saber as causas.
Aindaque talvez, em falta d'outro,
Com grosseiras acções o povo exhorte,
Gritando sempre, e sempre repetindo,

Que do bom pai Adão a triste raça
Por degráos degenera, e que este mundo
Peiorando envelhece. Não faltava,
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas as brancas pennas revestidas
Festões de flores as gentís donzellas.
Cançados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscal-a.
Estes de crespa Tanajura aprendem
Que entrara no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo,
E a irmã, que entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista, e teme de encontral-a.
Entram emfim na mais remota, e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins, e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cançada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fenebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto

Descobrem que se enrola em seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a vêr assim sobresaltados
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira, e o temor. Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca, e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
Se enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dôr! no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que Amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingoa,
Que ao surdo vento, e aos echos tantas vezes

Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De súa mão já tremula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

SONETOS

I

Ao Marquez de Pombal

Não temas, não Marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da inveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes padrões fica insculpido
Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino ornado
De sciencia, de industria, e de cultura,
De policia, e commercio apropriado :

A tropa regulada, a Fé segura,
O thesoiro provido, o mar guardado :
Eis aqui do teu genio a copia pura.

II

Ao Inca

Dos curvos arcos açoitando os ares
Vôa a setta veloz do Indio adusto ;
O horror, a confusão, o espanto, o susto,
Passam da terra, e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os tremulos cocares,
Animoso esquadrão de Chefe augusto,
Rompe as cadêas do Hespanhol injusto
E torna a vindicar os patrios lares.

Inca valente, generoso Indiano !
Ao Real sangue, que te alenta as vêas,
Une a memoria do paterno damno.

Honra as cinzas de dôr, de injurias cheias,
Qu'inda fumando a morte, o roubo, o engano
Clamam vingança as tepidas arêas.

Thomaz Antonio Gonzaga

LYRAS

I

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e n'elle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lans, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste.
Ao som d'ella concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Mas tendo tantos dotes da ventura
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois, que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado.
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais qu'um rebanho, e mais qu'um trono.
    Graças, Marilia bella,
    Graças á minha estrella.

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina
Te cobre as faces, que são côr de neve.
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapora.
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de amor igual thesouro.
    Graças, Marilia bella,
    Graças á minha Estrella.

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nedio gado.
Já d'estes bens, Marilia, não preciso;
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta,

Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Irás a divertir-te na floresta,
Sostentada, Marilia, no meu braço;
Ali descançarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço.
Emquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes
Lerão estas palavras os Pastores:
» Quem quizer ser feliz nos seus amores,
» Siga os exemplos, que nos deram estes. »
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

II.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingoa prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te,
Levava o teu gado
Á fonte mais clara,
A vargem, e o prado
De relva o melhor.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome, ou temor.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

Se alguem te louvava,
De gôsto me enchia:
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Um vivo calor.
    Marilia, escuta
    Um triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dircêo se alegrava;
Se estavas sentida,

Dircêo suspirava
A' força da dôr.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

Movida Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me deste,
Da tua fé pura
Um doce penhor.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me,
Pois basta o meu damno
Da sorte, que fôr.
Marilia, escuta
Um triste Pastor.

III

Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados
Aonde brincava
Emquanto pastava

O gordo rebanho
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio cahia,
Ao som do susurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia:
O écho as palavras
Tres vezes dizia.

Se chamo por elle
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores, e feno:
A' esquerda se erguia
Um bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia

Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata
Que nada respeita.
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor, e saudade.
Os sitios formosos
Que já me agradaram
Ah! não se mudaram.
Mudaram-se os olhos
De triste, que estou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

IV

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo;
Porém não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor:
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
Á tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pesados martellos.
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo:
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas sospendidas
Tiram, Marilia, os sucos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupam, chupam ambrosias
Nunca fartos amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura;
A fonte crystallina,
Que sobre as pedras cai de immensa altura,
Não forma um som tão doce, como forma
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitam
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de dezejos;
Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A náo, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu preso o captiveiro: sim, nem chamo
A mão de amor impía.
Honro a virtude, e os teus dotes amo;
Tambem o grande Achilles veste a saia
Tambem Alcides fia.

V

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minha serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra historia
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella
Eu vendo, que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada uma belleza
Marilia, não lhe invejes a ventura
Que tem, quem leve a mais remota idade
A tua formosura.

VI

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes
Os venenos das plantas
E das bravas serpentes.

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não has de vêr, Marilia, o medo escripto,
O medo perturbado
Que infunde o vil delicto.

Podem muito, conheço, podem muito
As furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este Deus converteo em flôr mimosa
A quem seu nome deram, a Narciso;
Fez de muitos os astros,
Que inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flôr mudar-me,
Mudar-me em astro novo.

Porém se os justos céos per fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então, que os sabios
Bem como vivem morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo;
Tu, formosa Marilia, bem o sabes;
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

VII

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Basta ao feliz, não ter total demencia,
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cobrio, os raios chovem;
E esta alma em tanta pena consternada,
Nem sabe, onde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada.
Toma o leme da náo, marêa o pano:
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes;
Elle me diz, que soffra, senão morro;

E perco, então se morro, um doce laço;
Não quero, já, Marilia, mais soccorro.
Oh! ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços.

VIII

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura
É mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via
Um ar mais leve
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva
Agua mais clara
Mais branda relva.

No collo a punha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo
Que eu só com ella
É que fallava;
Ria-se a furto,
E a disfarçava.

D'esta maneira
Nos castos peitos
De dia em dia
A nossa chama
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas
Em que fiava.

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho;

Na quente sesta
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

« Não ha pastora
Que chegar possa
À minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na Estrella.

» Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Então não invejo
De Jove o leito :

» Ornam seu peito
As sãas virtudes,
Que nos namoram ;
No seu semblante
As graças moram.

» Assim vivia ;
Hoje em suspiros
O canto mudo :
Assim, Marilia,
Se acaba tudo. »

IX

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura :
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a rasão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso, que posso
Perder o gosar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte
N'um peito exforçado,
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

X

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada:
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se deram, e em seu peito moram.
Manda prender o Réo, austera a bocca,
Porém seus olhos choram.

Se á innocencia denigre a vil calumnia
Que culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não é o Julgador, é o processo
E a lei, quem nos condemna.

Só no averno os juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:
Uma ao fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizer, sim, a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem ainda adoro ao grande chefe,
Bem, que a prisão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,
Que gôsto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sans virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tão sómente a quem premeias
Honras a quem castigas.

XI

Detém-te vil humano;
Não expremas cicutas
Para fazer-me damno.
O sumo, que ellas dão, é pouco forte.
Procura outras bebidas,
Que appressem mais a morte.

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo :
Traze o negro licor, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que poz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta :
Bem, que uma onda, e outra onda
Sobre elle em flôr rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento :
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rocha, ó Bella,
Que açouta o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude :
Vence as rochas, e os troncos
A solida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha ;
Com que males não póde
Uma alma como a minha ?

XII

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros ?
Infames impostores m'os lançaram
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah ! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveo a sabia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Qu'eu suspirava a ser de um sceptro o dono ;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

Ás forças que se oppunham, não batiam
Da grossa peça, e dos mosquetes os tiros;
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, disvellos, e finezas
Formava, ó minha Bella, os meus guerreiros;
Não tinha em meu campo estranhas tropas;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde vir um claro dia
Em que estas vís algemas, estes laços
Se mudem em prisões de allivio cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: « Eu sou Monarcha;
Dou leis, que é mais, n'um coração divino;
Solio, que ergueo o gôsto, e não a força,
É que é de appreço dino.

XIII

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento
E buscas dar-me, cantando
Um doce contentamento

Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propicio;
Eu te dou emque me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sobe a serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco d'ella.

Toma de Minas a estrada
Na Igreja Nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra n'esta grande terra
Passa uma formosa ponte
Passa a segunda, e a terceira
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella,
É da salla, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres
Eu te dou os signaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros, e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A boca risonha, e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo n'esta masmorra,
Mas sem allivio penando.

XIV

Leo-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marilia, adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos céos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de vêr.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr:
Mas sim vêr, que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me ;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

FIM.

INDICE.

SECULO XVIII.

Claudio Manoel da Costa.

Bartholomeu Antonio Cordovil.

Alexandre de Gusmão.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Antonio Pereira de Souza Caldas.

FIM DO INDICE.

Rio de Janeiro, 1843. Typ. Universal de Laemmert, rua do Lavradio, 53.